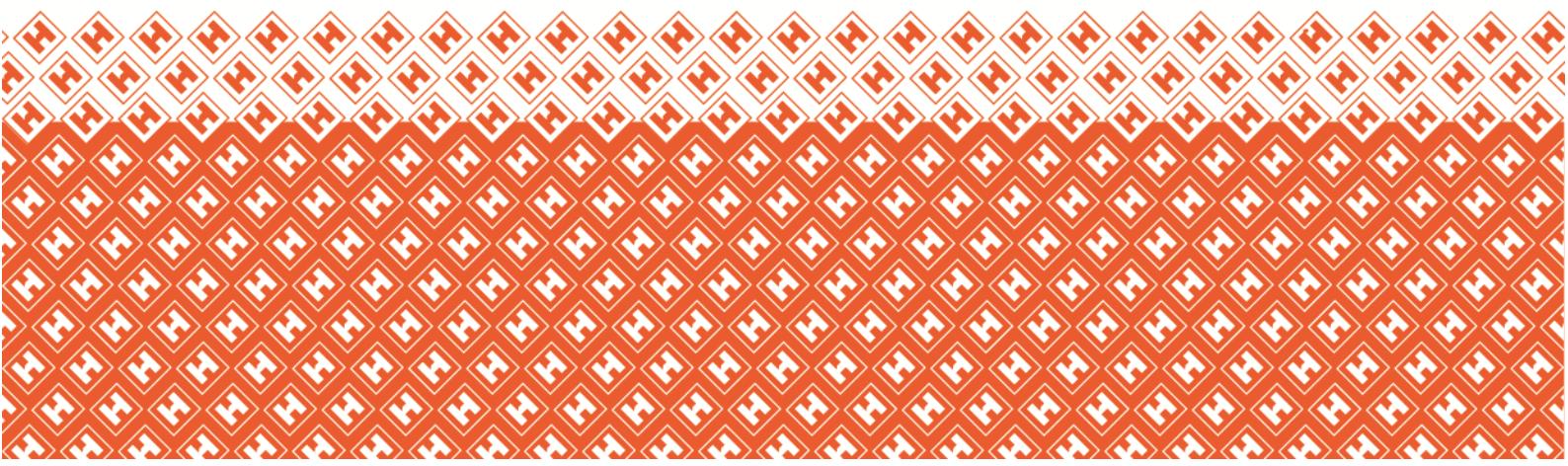


SOLIMARA APARECIDA TERTULIANO

**ENSINO DE HISTÓRIA E
FOTOGRAFIA: uma proposta de estudo
das transformações da paisagem urbana
para os anos iniciais**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Outubro/2022



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

SOLIMARA APARECIDA TERTULIANO

**ENSINO DE HISTÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE
ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA
PARA OS ANOS INICIAIS**

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

SOLIMARA APARECIDA TERTULIANO

**ENSINO DE HISTÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE
ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA
PARA OS ANOS INICIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História
Orientador: Dr. Jorge Pagliarini Junior

CAMPO MOURÃO - PR

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Tertuliano, Solimara Aparecida
Ensino de História e fotografia: uma proposta de
estudo das transformações das paisagens urbanas para
os anos inciais. / Solimara Aparecida Tertuliano. --
Campo Mourão-PR, 2022.
86 f.: il.

Orientador: Jorge Pagliarini Junior.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História) --
Universidade Estadual do Paraná, 2022.

1. História-Estudo e Ensino. 2. Didática Escolar.
3. Fotografias. 4. Paisagem urbana. I - Pagliarini
Junior, Jorge (orient). II - Título.

SOLIMARA APARECIDA TERTULIANO

**ENSINO DE HISTÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO
DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA PARA OS ANOS
INICIAIS**

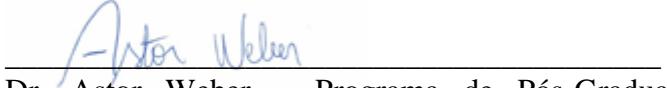
BANCA EXAMINADORA



Dr. Jorge Pagliarini Junior (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Michel Kobelinski – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Astor Weber – Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP/Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Data de Aprovação

03/10/2022

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** por me dar forças para enfrentar todas as dificuldades desta caminhada.

Agradeço também a meu orientador **Jorge Pagliarini Junior** pelas cobranças e pelo apoio durante este trajeto, pois sem sua ajuda eu não teria conseguido.

Dedico um agradecimento especial à **Janislei Dangui**, minha professora de História no ensino médio, apaixonada pela história de Janiópolis-Pr, que organizou o Blog Janiópolis Querido Rincão, com material sobre a história do município, e também a página no Facebook “Janiópolis Querido Rincão” onde disponibiliza para o público, fotografias dedicadas a memória do município.

Sou grata também a meu marido **Jonathan Santos Pericinoto** por toda paciência e carinho comigo nos momentos difíceis.

Agradeço a minha mãe **Maria Leandra dos Santos** por ter feito tudo por mim durante toda sua vida.

RESUMO

TERTULIANO, Solimara Aparecida. **Ensino de História e fotografia: uma proposta de estudo das transformações das paisagens urbanas para os anos iniciais.** 86 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

Em meio aos desafios para o ensino de História na atualidade está o de aproximar a realidade dos alunos dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Diante disso, buscamos desenvolver atividades voltadas para o estudo da paisagem urbana do município de Janiópolis - PR nas aulas de História. Esta proposta está ancorada na seguinte problemática: como trabalhar o processo histórico de transformação da paisagem urbana do município, a partir das abordagens das relações entre sociedade e natureza e a passagem do tempo, que demarcam esse fenômeno histórico, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Acreditamos que uma das possibilidades seja a do trabalho com fotografias antigas e atuais por meio de atividades que abordam a transformação da paisagem e as memórias desse processo, visto que é a fotografia uma fonte de fácil acesso, tanto para professores quanto para alunos. Como resultado da pesquisa apresentamos um material didático para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental estruturado na análise de comparação de fotografias antigas e atuais da cidade de Janiópolis - PR. Com base em leitura bibliográfica, as atividades desenvolvidas foram organizadas em um roteiro, que será o produto educacional deste trabalho, podendo ser utilizado e adaptado por outros professores de história.

Palavras-chave: Fotografia; Paisagem; Ensino de história; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

TERTULIANO, Solimara Aparecida. **History and photography teaching: a proposal to study the transformations of urban landscapes for the early years.** 86 f. Dissertation. Graduate Program in History Teaching – Professional Master's Degree. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourao, 2022.

Amidst the challenges for teaching History today is to bring the reality of students closer to the contents worked in the classroom. That said, we seek to develop activities aimed at studying the urban landscape of the city of Janiópolis - PR in History classes. This proposal is anchored in the following problematic: how to work the historical process of transformation of the urban landscape of the city, from the approaches of the relations between society, nature, and the passage of time, which demarcate this historical phenomenon, with students of the initial years of the Teaching Fundamental? We believe that one of the possibilities is to work with old and current photographs through activities that address the transformation of the landscape and the memories of this process, since photography is an easily accessible source, both for teachers and students. As a result of the research, we present didactic material for students in the early years of Elementary School, structured on the comparison analysis of old and current photographs of the city of Janiópolis - PR. Based on bibliographical reading, the developed activities were organized in a script, which will be the educational product of this work, and can be used and adapted by other history teachers.

Keywords: Photography; Landscape; History teaching; Early Years of Elementary School.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM A- Localização do município de Janiópolis.....	13
IMAGEM B – Primeira farmácia do município (Aproximadamente década de 70).....	40
IMAGEM C- Avenida Paraná (2017).....	41
IMAGEM D- Construção da primeira igreja católica (década de 1960).....	42
IMAGEM E- Igreja católica (anos 2000).....	42
IMAGEM F- Igreja católica (dias atuais).....	43
IMAGEM G- Desenho sobre elementos que foram substituídos ou que não existem mais.....	45
IMAGEM H- Desenho sobre elementos que existem desde o início da cidade.....	45
IMAGEM I- Inundação de parte urbana causada pela proximidade com o rio.....	46
IMAGEM J- Avenida Paraná (Anos 90 e 2010 aproximadamente).....	46
IMAGEM K- Mapa mental produzido por um aluno.....	49
IMAGEM L- Linha do tempo produzida por um aluno.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – CIDADE, TEMPO E MEIO AMBIENTE NA AULA DE HISTÓRIA: O REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1 - Ensino de História, paisagem urbana e passagem do tempo.....	12
1.2 - Caracterização da área de estudo: o município.....	12
1.3 - O Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	16
1.4 - O referencial curricular do Paraná e o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental.....	20
1.5 - Transformações nas paisagens urbanas.....	21
1.6 - Meio ambiente e História.....	25
1.7 - O tempo histórico no ensino de História.....	28
1.8 - Fotografia e ensino de História.....	31
1.9 - As fontes e o meio digital.....	35
CAPÍTULO 2 – UMA PROPOSTA PARA AS AULAS DE HISTÓRIA: METODOLOGIA DA PESQUISA.....	37
2.1 – Encaminhamentos metodológicos.....	38
2.2 - Atividades com fotografias do município.....	39
2.3 - O produto educacional.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE.....	59

INTRODUÇÃO

A História é uma disciplina que está presente na trajetória escolar desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Nos Anos Iniciais, os alunos iniciam um longo processo pelo qual se espera que aos poucos percebam a si e aos outros enquanto sujeitos históricos, compreendendo as organizações sociais, temporalidades, dentre outros aspectos. No entanto, para que esse processo tenha sucesso, o aluno precisa não apenas receber o conhecimento, mas também interagir com informações e fontes, sendo assim, estimulados a pensar de forma mais crítica (FERMIANO; SANTOS, 2014).

Neste sentido, Vasconcelos (2012) aponta que o uso de documentos no ensino de História é imprescindível, pois se trata de algo complementar aos textos didáticos. Ainda para o mesmo autor, a ampliação do que é considerado documento histórico é um fator muito favorável dentro do ensino, visto que “um depoimento oral, uma fotografia, um desenho, uma carta oficial ou pessoal, um antigo caderno escolar, entre outros, hoje podem ser considerados até mais importantes do que um registro escrito oficial, dependendo do caso” (VASCONCELOS, 2012, p. 76).

No tocante ao Ensino de História, é importante lembrar que nenhum documento fala por si mesmo, mas respondem perguntas dirigidas a eles, baseadas em preocupações presentes, por isso, “o objetivo maior é que, partindo de questões propostas e com a orientação do professor, os alunos sejam capazes de uma análise crítica em suas leituras” (VASCONCELOS, 2012, p. 77). Além disso, muitos são os temas a serem trabalhados com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, é necessário, a utilização de fontes acessíveis tanto aos professores, quanto aos alunos e também uma aproximação da realidade do aluno com temas de estudo dentro da disciplina.

Diante disso, acreditamos que uma das estratégias para aproximar as aulas de história da realidade dos alunos seria o estudo da paisagem urbana de seu município. Nesta direção surgiu o seguinte problema: Como trabalhar o processo histórico de transformação da paisagem urbana do município de Janiópolis com alunos dos anos iniciais Ensino Fundamental? Acreditamos que uma das possibilidades seja a do trabalho com comparação entre fotografias antigas e atuais por meio de atividades que trabalhem as ações de transformação do meio ambiente e da paisagem, a passagem do tempo e as memórias da cidade. Escolhemos a fotografia como recurso, uma vez que se trata de um recurso acessível e de fácil manuseio tanto por professores quanto por alunos, além de ser

um registro produzido por ação humana que “fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena” (KOSSOY, 2001, p. 36 a 37). Na perspectiva do ensino de História é necessário pensarmos a fotografia como uma representação da realidade que traz aspectos materiais e imateriais da sociedade e que foi produzida num determinado contexto e com uma intenção (MAUAD, 2015).

Neste trabalho, escolhemos a paisagem urbana do município de Janiópolis (cidade) para ser trabalhada com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, pois é aquela com modificações aparentes mais significativas, quando comparado ao espaço rural do município estudado, além de que, foi possível encontrar mais registros fotográficos da cidade do que do campo.

A partir da utilização das fotografias buscamos trabalhar com os alunos as transformações na paisagem urbana, a partir das relações entre passado e presente. Assim, buscamos desenvolver um roteiro de atividades, as quais foram direcionadas para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, visto que, nesta etapa de escolarização, os alunos estão aprendendo seus primeiros conceitos em História, ainda conhecer a história do que está próxima deles, ajuda-os a se entenderem gradativamente enquanto sujeitos históricos.

Vale frisar que o que notamos constantemente em experiências de ensino é que nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental poucas vezes aproximamos acontecimentos ou localidades próximos aos alunos, e quando isso acontece ele ocorre de maneira superficial, sem uma estratégia para ilustração do assunto ou para instigar o aluno a relacionar os conteúdos discutidos com a sua realidade.

O ensino de História acontece muitas vezes desta forma, não necessariamente pela falta de vontade do professor, mas por inúmeros fatores que ainda são falhos nas realidades da educação básica, dentre eles, falta de materiais didáticos com conteúdo sobre os municípios em que os alunos residem, composto por propostas de trabalho para conduzir a prática do professor; falta de conhecimento sobre o assunto e falta de formação específica para trabalho com esses conteúdos, uma vez que a formação exigida para o trabalho com os alunos das séries iniciais é licenciatura em Pedagogia ou curso profissionalizante de nível médio em Magistério.

No caso das escolas municipais do Paraná, os livros didáticos são escolhidos pelos professores a partir de amostras das editoras credenciadas pelo Ministério da Educação (MEC). Esses materiais não são específicos para o estado e sim produzidos para serem distribuídos em escala nacional, o que deixa os professores com poucas opções para

trabalho com as realidades locais, visto que poucos são os materiais didáticos ou literários existentes ou atualizados sobre os municípios.

O objetivo geral da pesquisa é desenvolver para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental um material didático estruturado na análise de história comparada de fotografias antigas e atuais da cidade de Janiópolis - PR. Como objetivos específicos visamos compreender como a fotografia pode auxiliar no ensino de História para alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; apresentar aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental as paisagens urbanas do município de Janiópolis como produtos históricos da ação humana no meio ambiente; verificar por meio de comparativos entre fotos antigas e atuais, algumas delas disponibilizadas online, as principais mudanças na paisagem urbana do município de Janiópolis/PR; proporcionar uma aproximação entre a História e a temática ambiental com um estudo das transformações históricas.

A partir dessa abordagem metodológica e do tema proposto, temos então a necessidade de pensarmos nas definições da relação sociedade e natureza, nas particularidades e potencialidades do ensino para a turma selecionada, e ainda, adentramos numa abordagem das transformações e permanências históricas a serem estudadas a partir de determinadas noções de tempo histórico. Neste sentido, temos aqui a organização desta dissertação, sendo, para o primeiro capítulo: a partir de uma apresentação das discussões conceituais da pesquisa problematizar as nossas apropriações conceituais sobre a estrutura do ensino de história nos anos iniciais; especificamente, das possibilidades de abordagem da relação histórica entre sociedade – local- e natureza pensadas a partir da história local e das noções centrais e usos das temporalidades.

Quanto ao segundo capítulo, ele também gravita em torno da proposta da aproximação do ensino de História da realidade dos alunos de Janiópolis e está ancorado na apresentação de um aporte metodológico sobre a fotografia no ensino de História e na própria aplicação do material propositivo resultante da pesquisa apresentado nos apêndices.

Portanto, as atividades aqui desenvolvidas estão dispostas em material propositivo, num roteiro, para que possam ser utilizadas por professores em sala de aula, sendo elas produção de mapas mentais, identificação de mudanças e permanências em fotografias e produção de linhas do tempo.

1

CIDADE, TEMPO E MEIO AMBIENTE NA AULA DE HISTÓRIA: O REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Ensino de História, paisagem urbana e passagem do tempo

A priori, neste capítulo buscamos apresentar um embasamento teórico sobre o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim discutiremos como o esse ensino é tratado no documento norteador para o trabalho docente no Paraná (Referencial Curricular do Paraná); como as paisagens e o meio ambiente podem ser abordados; e por fim, como trabalhar o tempo histórico dentro do ensino de história. Esse aporte conceitual servirá na sequência do texto para a análise e apresentação de como a fotografia pode ser utilizada no ensino de história e quais os benefícios de seu uso para estudo das transformações nos diversos meios. Além disso, tais leituras proporcionaram-nos uma base sólida para pensarmos sobre algumas formas da fotografia, que é um suporte acessível para professores e alunos, pode ser utilizada dentro do ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, para aproximar a realidade dos educandos aos conteúdos discutidos em sala de aula.

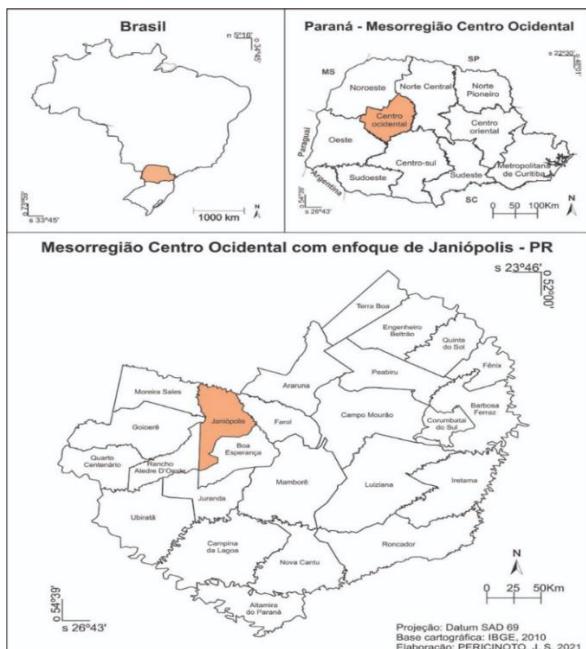
1.2 Caracterização da área de estudo: o município

As atividades educacionais voltadas para o ensino de História, serão desenvolvidas com base em dados do município de Janiópolis – PR, voltadas para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Sob esta ótica, foram pensadas a partir da análise de paisagens de fotografias antigas e atuais do município em questão, considerando paisagem como um elemento em constante mudança e que expressa transformações sociais, valores, sentimentos, dentre outras características que podem ser notadas por quem as vê (CAVALCANTI, 2015).

Outrossim, diante da carência de mais bibliografias que tratem do município, o recurso à fotografia apresenta-se como um elemento significativo para o mesmo sobre a história local. É importante destacar que ela foi escolhida por ser de fácil acesso para professores e alunos e também por ser um material que permite diversas abordagens e olhares sobre um mesmo assunto (MAUAD, 1996), o que faz com que os conteúdos sejam de certa forma mais palpáveis para os discentes, e também aproximados de sua realidade, visto que as fotografias aqui utilizadas serão da cidade na qual eles moram. Outro ponto que pode ser trabalhado a partir das fotografias, é a questão da passagem do tempo, visto que elas contêm “tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo” (CERTEAU, 1998, P. 189).

Vale lembrar que o município de Janiópolis fica localizado no estado do Paraná a 492,92 km da Capital Curitiba (IPARDES, 2019). A origem desse município deu-se com a formação de um patrimônio denominado Pinhalzinho, no interior do município de Campo Mourão. Assim, em 1961, Pinhalzinho foi desmembrado de Campo Mourão e elevado a condição de município ganhando a denominação de Janiópolis em homenagem ao ex-presidente Jânio da Silva Quadros. A instalação do município deu-se em 18 de novembro de 1962, tendo como primeiro prefeito Oscar Pereira de Paula (IBGE, 2017), e conta com uma estimativa populacional de 4.948 habitantes atualmente.

Imagen A – Localização do município de Janiópolis



Fonte: Acervo da autora

Precipuamente, o único material escrito que temos sobre a história do município de Janiópolis é um blog intitulado Janiópolis Querido Rincão, produzido pela professora de História aposentada, Janislei Dangui em 2008. Neste blog, a autora busca contar a história do município baseando-se em fotografias, relatos de pioneiros, mapas e dados estatísticos. Ademais, é notada na página, a exposição da história de forma linear, a qual, é enfatizada no prefácio, o qual diz que “ao descrever os fatos dentro de uma ordem cronológica fiel e lógica, incorpora, numa síntese também sincronizada, os índices estatísticos dos fatores estudados e expostos numa sequência ordenada e progressiva dos acontecimentos” (DANGUI, 2008, p. 1). Ainda, a mesma autora também possuí uma página na rede social Facebook intitulada Janiópolis Querido Rincão, dedicada a memórias do município, com fotografias e postagens relacionadas a ele. Ambas as fontes serão utilizadas para consulta de fotografias antigas e detalhes sobre a história do município.

Em consonância com Dangui (2008), foi em 1935 que as primeiras comunidades surgiram no atual território do município de Janiópolis – Pr. A abertura do território deu-se em meio a mata fechada com grande predominância de pinheiros, o que levou os desbravadores pioneiros a chamarem a região de pinhalzinho. Vale destacar que o que atraiu os primeiros habitantes teria sido o interesse na terra vermelha e em razão da hidrografia, uma das comunidades surgidas naquele momento foi fixada nas proximidades de onde hoje é a sede do município. Além disso, os primeiros moradores viviam da agricultura de milho, café e hortaliças e outros alimentos para a subsistência, como também criavam porcos e extraiam madeiras.

Essa ocupação das áreas hoje pertencentes ao território do município de Janiópolis, fez parte de uma movimentação de ocupação paranaense que se deu ao longo do século XX, contudo, segundo Gomes (2015) as primeiras movimentações para ocupação do território paranaense deram-se a partir do século XVI em três frentes pioneiras: “a Paraná tradicional com avanço do litoral para o planalto; a da região Norte, ligada à onda cafeeira paulista; a da região Sudoeste com a corrente migratória do Rio Grande do Sul e Santa Catarina” (GOMES, 2015, p. 90). A partir da segunda metade do século XX, começa a acontecer no Paraná a chamada ocupação planejada, promovida pelo governo do estado, e posteriormente, passada para a iniciativa privada.

Ainda conforme Gomes (2015, p. 92), o povoamento paranaense no século XX “exigia a retirada da mata nativa para o plantio dos cafezais, processo esse que logicamente impactava na paisagem e alterava o equilíbrio ecológico”. A retirada da mata

era feita e a terra era utilizada para produção de subsistência e além da retirada da mata com instrumentos braçais, a queimada também era utilizada, haja vista que a vinda dos pioneiros “era exatamente com a finalidade de derrubar a mata para expandir as áreas agrícolas, processo que passa a dar significado ao conceito de desenvolvimento, contudo sem consciência das consequências de longo prazo” (GOMES, 2015, p. 93).

Outrossim, baseando-nos ainda nas escritas de Dangui (2008), tudo indica que a ocupação da área pertencente ao município de Janiópolis, atualmente, também deu-se desse modo. Além da obra de Dangui (2008), muito do que se sabe sobre a história do município é de ouvir falar, por isso é necessário ouvir também o que os alunos trazem consigo nas conversas durante as atividades, as quais podem denotar preconceitos e julgamentos.

Ademais, para evitar essas situações trabalhamos todas as atividades propostas com muitas conversas e questionamentos, de modo a ouvir o aluno e também apontar os equívocos ou preconceitos contidos em suas falas, sempre com cautela para não apresentar a história como uma verdade absoluta que que não pode ter outras versões ou ser questionada. Ainda, para produção e aplicação das atividades foi importante refletir sobre como trabalhar os temas sem cair em anacronismos ou julgamentos, num excesso de passadismo, presentismo ou futurismo, numa romantização da natureza ou da ação humana no meio natural.

Primeiramente, como Janiópolis é uma cidade pequena, os trajetos entre a casa e o colégio, os usos do centro da cidade, os lugares de sociabilidade e de trabalho são facilmente identificados pelas crianças moradoras do município e desta maneira super valorizam seus usos e potencialidades nas aulas de História. A presença de instituições públicas e de instituições privadas, como as religiosas, ganham outros destaques e devem ser analisadas tanto nas suas permanências quanto nas transformações materiais.

Além disso, a materialidade da cidade pode ser estudada, ou seja, é o caso da substituição das construções de madeira por construções de alvenaria, ou mesmo, a própria permanência deste tipo de construções. Esses aspectos, por exemplo, podem aproximar o professor da origem da matéria prima, do processo de desenvolvimento urbano e ainda da relação com a natureza. Esse tema pode ser ainda percebido na existência de enchentes as quais foram controladas na década de 2000. Não há estudos que comprovem o motivo da redução das inundações, mas a provável causa seria o assoreamento do rio, devido à retirada da cobertura vegetal de sua borda, lembrando que, nas últimas décadas, os proprietários precisaram fazer o plantio da mata ciliar devido à

mudança na legislação, todavia segundo o que se houve falar pelos moradores mais antigos do município, o tamanho do rio atual é bem menor que no passado. Logo, a presença do rio nas proximidades da cidade e as diferentes formas de apropriação do espaço natural seriam neste caso destacadas.

Destarte, a carência de bibliografias e de material didático não impede que sejam apresentados alguns aspectos históricos do município, especificamente no caso da nossa pesquisa, da cidade.

1.3 O Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Hodiernamente, a História, como ensino escolar, “é vista, por boa parte dos professores, como oportunidade para desenvolver o senso crítico dos alunos em relação ao passado e à realidade que os cerca” (ZUCCHI, 212, p. 54). Então, com tal intuito o professor de história pode utilizar com seus alunos diversos recursos para análise e obtenção de informações, tais como “fotografias, imagens, filmes, poemas, etc.” (ZUCCHI, 212, p. 54), inclusive, o próprio livro didático dos anos iniciais ou de outras séries pode ser utilizado como fonte, lembrando sempre que a introdução de diferentes fontes é de grande importância para ampliação do repertório e das formas de olhar do aluno, pois “nada mais enriquecedor do que propormos que usufruam das diferentes possibilidades apontadas pela teoria da História para tornar essa disciplina mais acessível, interessante e produtiva para as crianças em sala de aula” (ZUCCHI, 2012, p. 55).

Sob esta ótica, Zucchi (212, p. 56) destaca que “não é possível ensinar História para qualquer faixa etária de alunos como um saber estático, acabado e como verdade única”, além de que a diversidade de postos de vista e de documentos para embasamento sobre um mesmo assunto torna o ensino de História muito mais atraente e assimilativo pelos alunos, isto porque a aprendizagem de História nos primeiros anos de escolarização deve ser significativa.

Neste sentido, Fermiano e Santos (2014) ressaltam que, é durante os primeiros anos do Ensino Fundamental que os alunos começam aos poucos, e por meio de um longo processo, a perceberem a si e aos outros como sujeitos históricos. Logo, para que isso aconteça, é preciso que haja estímulos e situações desafiadoras, para que a partir delas os alunos possam interagir com as informações que os rodeiam, visto que, para estes autores, é possível levar os alunos a terem um pensamento crítico mesmo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim sendo, “o estímulo a investigação histórica deve ser,

portanto, uma prática permanente desde os primeiros anos do ensino fundamental” (AVELAR, 2012, p. 95), visto que

Na primeira etapa do ensino fundamental, os alunos têm entre 6 e 11 anos. Durante essa época da vida, as intervenções pedagógicas mais eficazes são as que priorizam a *ação*, ou seja, estimulam os alunos a participar ativamente do processo de aprendizado. Em outras palavras, os alunos aprendem melhor quando são levados a pensar, imaginar, pesquisar, analisar, comparar suas ideias com as dos colegas (FERMIANO; SANTOS, 2014, p. 12).

Nesta perspectiva, segundo Freire (1997), quem ensina também aprende durante o processo, visto que, para ensinar, é preciso estar aberto a refletir e questionar o que já havia sido pensado, rever suas certezas, ou seja, não basta apenas transferir o conteúdo ao aluno. É preciso pensar criticamente sobre as formas de aprender e buscar “envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer” (FREIRE, 1997, p. 19).

Ainda no tocante à aprendizagem de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Zucchi (2012) ressalta que estudar a realidade regional faz com que a aprendizagem histórica comece a ganhar espaço, já que desperta o interesse e a curiosidade das crianças para conhecer aquilo que está próximo de si, e posteriormente o que está longe, também.

Outro ponto importante destacado por Zucchi (2012, p. 64) relacionado à aprendizagem histórica de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é a interação com os objetos de estudos, fontes e discussão entre os colegas, uma vez que “a interação social propiciada pela escola é um momento importante desse processo, pois possibilita às crianças que aprimorem sua capacidade de abstração”, que é indispensável para a construção e entendimento de conceitos, ou seja,

O aluno precisa de atividades nas quais ele não receba o conhecimento passivamente, pois não é a organização curricular que dará ao aluno ‘o sentido de mundo’, e sim a capacidade de interagir com as informações que estão a sua volta. Isso só se consegue com estímulos desafiadores e situações em que ele possa pesquisar, comparar, classificar, analisar, imaginar, criar e se expressar (por escrito ou de muitas outras formas, e por meio de diversas linguagens) (FERMIANO; SANTOS, 2014, p. 14).

Ainda em consonância com Zucchi (2012, p. 65) “os conceitos relacionados ao ensino de história envolvem as seguintes habilidades: descrição, comparação e

abstração”. Desta forma, se o aluno apenas decora datas e nomes, dificilmente poderá relacionar o que aprendeu a outras situações, já a aprendizagem de forma significativa cria uma base sólida e um pensamento mais crítico. Diante disso, o uso de fontes diversas, como já destacado, e a adaptação e simplificação de conceitos e ideias é elementar para a aprendizagem dos educandos, porque “é evidente que os alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental não podem e nem devem fazer as mesmas abstrações que os dos anos subsequentes” (ZUCCHI, 2012, p. 66).

Vale lembrar que para se entender, por exemplo, sobre o tempo ou transformações em paisagens é preciso muito cuidado. Assim, Zucchi (2012), sugere a utilização de diversas atividades didáticas para consolidação das ideias de presente, passado e futuro. Tais atividades podem envolver linhas do tempo e investigações sobre as inúmeras formas e objetos utilizados para a contagem do tempo, visto que desta maneira é possível partir para temas mais complexos, como por exemplo, mudanças e permanências nas paisagens. O trabalho com fontes históricas e atividades interativas e diferenciadas nas aulas de história coloca os discentes:

Diante de uma série de questões que, a nosso ver, são hoje essenciais à prática do professor de História: a postura de pesquisa como investigação da realidade e do passado das pessoas com as quais interage; a premência de tornar cada vez mais as aulas de História como espaço dessa pesquisa; a possibilidade de produção do conhecimento por parte dos alunos em idade escolar; a necessidade da atenção e elaboração de outras histórias, além da tradicional oficial (CERRI, 2013, p 30).

Então, para isso, fontes como a fotografia podem tornar o objeto de aprendizagem mais palpável e próximo do aluno, atentando-se, neste caso, ao fato de que os documentos históricos não foram criados com o objetivo de informar as pessoas do futuro sobre seus modos de vida, mas sim, que “as pessoas produzam cartas, músicas, poemas, casas, fotografias, instrumentos de trabalho, receitas de alimentos, etc. por demandas particulares ou coletivas do momento em que vivem: o presente” (ZUCCHI, 2012, p. 94).

Assim, o professor dos anos iniciais do ensino fundamental “deve ter grande atenção para selecionar documentos históricos que sejam adequados aos seus objetivos didáticos e ao interesse e à possibilidade de análise de seus alunos” (ZUCCHI, 2012, p. 95), mostrando aos alunos quais os tipos de informações que podem ser obtidas com aquelas fontes, para que aos poucos possam ir ganhando autonomia para fazerem suas próprias análises.

Neste viés, para fazer tais análises, extraíndo assim, informações sobre os documentos, Zucchi (2012) recomenda que o professor aplique atividades partindo de uma abordagem menos complexa para uma mais complexa, como pedir que os alunos façam descrição dos documentos, destaque de palavras ou partes que não entenderam, comentários sobre o que sentiram ao ver ou ouvir o documento, e em sequência podem questionar sobre quem fez e quando fez aquela fonte, assim como seu objetivo em fazê-la.

Sob esta ótica, segundo Avelar (2012), a utilização de fontes documentais na sala de aula é um dos caminhos para a construção do conhecimento histórico. Nesta direção, Fermiano e Santos (2014, p. 18) destacam que é de grande importância que:

desde cedo, o aluno perceba que existem inúmeras fontes de informação sobre o presente e o passado, sobre tempos e espaços que lhes são ou não familiares: objetos, monumentos, narrativas, textos escritos, músicas, fotografias, entre outros. Também deve-se ter uma ideia de onde encontrar esse material e que tipo de perguntas podem ser feitas a ele para obter mais informações.

Logo, para que isso aconteça, é necessário que o documento não seja utilizado apenas de forma ilustrativa e sim interativa, de modo que a criatividade deve se manifestar, por isso, esse processo deve ser “mediado pelo docente, que deve estimular constantemente a problematização ao mesmo tempo em que oferece as informações necessárias” (AVELAR, 2012, p. 99). Dessa forma, o aluno poderá aumentar seu senso crítico com a percepção da existência desta diversidade de fontes, diversas formas de interpretação, variedade de intencionalidades por trás das fontes e acima de tudo, com a ciência de que não existe uma verdade ou interpretação absoluta a respeito das informações que as fontes oferecem.

Outro ponto importante dentro da aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, é o ouvir o que o aluno tem a dizer, pois, segundo Freire (1997), ao ouvir e acolher a fala do educando, o professor ensina-lhe a ouvir o que o outro tem a dizer, seja este, colega ou professor. A fala dele apresenta ao professor muito de seu contexto e de sua linguagem, e o respeito à fala gera a vontade de questionar, criticar e posicionar-se, quesitos importantes na aprendizagem de qualquer tema.

Diante de tudo isso, é possível inferir que a opção de levar diferentes documentos para o ensino na sala de aula, como por exemplo a fotografia, é de grande valia para o trabalho com temas que não há um material didático previamente produzido, como é o caso da história de alguns municípios, como Janiópolis – Pr, sobre os quais os referenciais

curriculares sugerem um trabalho em sala de aula sobre os aspectos locais. Desta forma, estas fontes suprem de certa forma a carência de materiais sobre a história local e ainda rendem ao professor um trabalho mais dinâmico com seus alunos, estimulando-os a refletirem e exporem o que pensam sobre aquilo que está próximo deles, entretanto que muitas vezes não é contemplado nos materiais didáticos disponíveis na escola.

1.4 O referencial curricular do Paraná e o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental

É importante destacar que para orientação de conteúdos e temas a serem trabalhados dentro do ensino de História nos Anos iniciais do Ensino Fundamental, as escolas paranaenses, seguem o Referencial Curricular do Paraná, documento baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o qual “traz as etapas Educação Infantil e Ensino Fundamental com as discussões pertinentes a cada uma e seus organizadores curriculares, os quais correspondem à estrutura dos conhecimentos que respaldam o trabalho pedagógico” (PARANÁ, 2018, p. 8).

Os princípios orientadores do Referencial Curricular do Paraná são: Educação como direito inalienável de todos os cidadãos, prática fundamentada na realidade dos sujeitos da escola; igualdade e equidade; compromisso com a formação integral; valorização da diversidade; educação inclusiva; transição entre as etapas e fases da educação básica; ressignificação dos tempos e espaços da escola; e por fim, uma avaliação dentro da perspectiva formativa (PARANÁ, 2018, p. 10-11).

Segundo esse documento, na atualidade, é preciso olhar de forma diferente para as práticas pedagógicas, visando ações que promovam participação dos alunos na vida democrática, assim como conhecimento e prática de seus direitos e deveres e respeito aos direitos de outras pessoas, “inclusive o direito ao meio ambiente saudável, sendo as questões ambientais articuladas ao currículo como um processo educativo” (PARANÁ, 2018, p. 12).

No ensino fundamental, a criança já passou anteriormente pela educação infantil, com uma estrutura pautada em brincadeiras e interações, começando então uma nova fase organizada a partir de componentes curriculares. Então, são nove anos de estudo, divididos em duas fases: anos iniciais (1º a 5º ano) e anos finais (6º a 9º ano). Ao longo deste período os alunos devem desenvolver domínios de leitura, escrita, cálculo,

compreensão dos meios naturais e sociais e das interações que neles acontecem (PARANÁ, 2018).

Quanto ao referencial curricular referente à História nos anos iniciais, é evidenciado no documento que é necessário uma formação da consciência histórica desde os anos iniciais, desse modo, “no contexto das etapas que contemplam a infância, é preciso valorizar os saberes da criança e dos jovens e adolescentes, promovendo acolhidas e adaptações a partir de sua inserção nos diferentes espaços (local, regional e mundial)” (PARANÁ, 2018, p. 449). É destacado também, a importância da utilização de fontes históricas no ensino de História, sendo estas consideradas “evidências que auxiliam na compreensão de um passado específico, a partir das problematizações, análises e confrontos entre elas, de modo que apontem suas relações com o presente e a possibilidade de articulação com expectativas de futuro” (PARANÁ, 2018, p. 450).

Apesar de tudo isso, ainda nos deparamos com livros didáticos que abordam tais temas de maneira genérica, visto que são produzidos em escala nacional, o que entra em contradição com o texto do documento, que prega uma educação ligada à realidade local dos alunos. O ideal, ao nosso ver, seria que os livros didáticos fossem produzidos em escala estadual, contendo mais elementos do contexto dos alunos, visto que nem sempre encontra-se disponível materiais para o trabalho sobre o estado e tão pouco sobre o município.

1.5 Transformações nas paisagens urbanas

Em princípio, sabemos que as mudanças nas paisagens acontecem constantemente devido aos mais variados fatores, sejam eles naturais ou relacionados à ação humana. Tais mudanças podem ser registradas por meio de fotografias, filmagens e até mesmo lembranças sobre determinados lugares. À vista disso, a discussão sobre cidades e suas paisagens envolve muitas perspectivas, pois:

Muitos desses espaços, edificações, práticas presentes nos centros urbanos de nossas cidades vão surgindo ou desaparecendo, levando-nos a refletir sobre como estes “vestígios” do passado, presentes, ou não podem nos ajudar a perceber e a conhecer nossa cidade, as inúmeras histórias presentes nas memórias das pessoas e que com o passar do tempo, podem se deteriorar e se perder (TORRRES NETO, 2018, p. 17).

Esses vestígios do passado são definidos por Santos (2006, p. 92) como rugosidades, ou seja, aquilo “que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas substituem-se e acumulam em todos os lugares”. Para que um trabalho com tal tema seja bem desenvolvido é necessário que se faça uma reflexão sobre o que é a paisagem.

Então, as paisagens podem ser entendidas como “expressões técnicas, funcionais e estéticas da sociedade. São também dinâmicas e históricas já que se trata de expressões de movimentos da sociedade” (CAVALCANTI, 2015, p. 52), no entanto, é muitas vezes relacionada pelos alunos a um lugar bonito e intocado pela ação humana. Neste sentido é preciso lembrar sempre que, a paisagem apresenta produtos sociais, dentre eles sentimentos, convicções e valores, expressados por meio de uma forma, que é a paisagem (CAVALCANTI, 2015, p. 53). Além disso, existe o fato cada indivíduo perceber a paisagem de uma forma singular, sendo que:

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (SANTOS, 1988, p. 21).

Perante o exposto, o professor tem papel de extrema importância, pois tem como desafio “possibilitar ao aluno condições para que os mesmos construam e reconstruam seu conhecimento sobre o espaço geográfico, estabelecendo relações entre o conhecimento produzido na escola e a vida cotidiana” (FREIRE, 2018, p. 12), isto sim, apesar das várias interpretações e preconceitos que ele traz consigo para a sala de aula. Ao encontro disto, Silva et al (2017, p. 13) aponta que quando o professor adota “como possibilidade mediática a linguagem fotográfica estará contribuindo para a construção de aprendizagens significativas, e estas aliadas aos conceitos geográficos, beneficiará sua ação, o seu saber-fazer”.

O estudo dos inúmeros vestígios que podem estar presentes nas paisagens pode contribuir para a construção da consciência histórica dos indivíduos, mostrando o ser humano como agente participante da história, principalmente nos trabalhos com a história local (TORRES NETO, 2018). Indubitavelmente, falamos aqui de uma história local entendida como “uma abordagem que privilegia um recorte espacial microlocalizado,

mas que não perde seus nexos com outros tempos e espaços” (MACEDO, 2017, p. 63), algo que segundo Cerri (2013, p. 37) precisa ir além de referenciais físicos nas cidades, uma vez que “o local não está no espaço e sim na experiência dos indivíduos”.

Deste modo, conhecer a história local ajuda o indivíduo na compreensão dos processos históricos e “contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas para com os lugares onde nasceram/habitam” (MACEDO, 2017, p. 61). Isso mostra que:

Contemporaneamente, os municípios, os bairros e as vilas são espaços contraditórios, em que tradições ancestrais cruzam-se com a própria tradição da modernidade. Os caminhos e o desenho dos quarteirões das praças, resultantes de costumes e passagens de décadas ou de séculos atrás, são transitados por carros e ônibus produzidos por empresas transnacionais, com propagandas e termos oriundos de diversas culturas. O som que se ouve é polifônico: são músicas sertanejas de raiz, o funk carioca e música romântica genérica, em que fica indistinta a origem rural ou do samba das periferias. O ar é cortado por ondas de rádio, televisão, aparelhos telefônicos celulares e redes de internet sem fio... Esse é o “local” em que a História e o ensino se desenvolvem” (CERRI, 2013, p 33).

Por esse ângulo, Para Reznik (2008), os processos de identificação são muito mais relacionados com a história local, na qual se estuda as conexões mais próximas de um determinado lugar ou grupo. Dessa maneira, o local pode se tornar em algo que conecta as diferentes formas de identificação dos sujeitos. A história local busca instigar o indivíduo a refletir “sobre o lugar em que se encontra no mundo, formulando ideias sobre si e sobre os que estão ao seu redor” (REZNIK, 2008, p. 51) além de analisar os vínculos comuns e sentimentos de pertencimento que são partilhados por um determinado grupo.

Ademais, com a história local é possível estudar e encantar-se com a passagem do tempo e com elementos do passado e dessa forma,

Ao se enfatizar temas e objetos, espaços, indivíduos e costumes que podem ser reconhecíveis entre alunos que pertencem a um determinado sistema cultural, baseado em relações de vizinhança, contiguidade territorial e proximidade espacial, espera-se despertar, criar e ampliar o gosto pelo estudo da História (REZNIK, 2008, p. 51).

A passagem do tempo na história local pode ser estudada por meio “ações e transformações humanas (ou permanências) que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo, mais longo ou mais curto” (BARROS, 2006, p. 461), ou seja, como a passagem do tempo afeta os modos de vida, pois, a história visa estudar o homem no tempo e no espaço, sendo este um lugar físico ou estabelecido por meio de relações sociais (Barros, 2006).

Ao estudar as paisagens, é preciso pensar

A Terra como teatro de operações no qual intervinhama os diversos fatores físicos como o clima e a base geológica, e sim a Terra enquanto matéria viva, coberta de vegetação e variedade animal, formadora de ambientes ecológicos e de possibilidades vitais (BARROS, 2006, p. 466).

Quando falamos sobre transformações na paisagem, falamos da interação dos alunos com fontes históricas e mudanças temporais e não podemos deixar de lado o meio ambiente e as transformações que ocorrem em suas paisagens, uma vez que, “as aulas de História buscam, no mínimo, nas últimas décadas, oferecer aos educandos possibilidades destes refletirem sobre si mesmos, assim como inserir-se e participar ativa e criticamente no mundo social, cultural e do trabalho” (SOUZA, 2015, p. 129).

Além disso, as ações humanas interferem de maneira direta ou indireta no meio ambiente, e também são afetadas e adaptadas conforme o meio e os elementos que o rodeiam, portanto, “as relações homem/natureza historicamente construídas no ambiente onde o aluno vive não podem ser ignoradas em numa aula de História” (SOUZA, 2015, p. 130).

Destarte, neste trabalho, a paisagem escolhida para ser trabalhada com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental foi a paisagem urbana, isto se deve ao fato de percebemos que ela sofreu aparentemente modificações mais significativas, se comparado ao espaço rural do município estudado, e também pelo fato de termos mais registros fotográficos da cidade, termo que corresponde a parte urbana do município. Assim, segundo Certeau (1998), as formas como a cidade é organizada escondem muitas histórias, caminhos que se cruzam, dentre outros fatores que se refletem nas modificações que acontecem no espaço. Desse modo, a cidade é repleta de pluralidades, sendo constituída por uma “dupla projeção de um passado opaco e de um futuro incerto numa superfície tratada”, guardando no visível o que já se tornou invisível (CERTEAU, 1998, p. 172).

Assim, Certeau ainda destaca que uma das formas de conhecer essas modificações está no ato de caminhar pela cidade, momento pelo qual é possível refletir sobre tudo o que está ali e também sobre o que não está. Sendo parecido com a forma de se aprender uma nova linguagem, a caminhada pelo espaço urbano “é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas” (CERTEAU, 1998, p. 177) e isso faz com que o caminhante de margens a múltiplas interpretações, atribua significados e importâncias a determinados lugares, crie ou quebre regras, desvende ou

imagine mistérios e outras curiosidades que podem envolver a área urbana, apropriando-se do espaço, lançando sobre ele suas impressões e contemplando nas paisagens o que Certeau (1998, p. 189) chama de “espessuras em movimento”.

Em um trabalho com crianças, acreditamos, seja quando não há possibilidade de fazer uma caminhada pela cidade, seja quando a caminhada pelo itinerário é feita diariamente ou ainda, quando ela for realizada a posteriori, a fotografia pode ser um recurso utilizado para apresentar e destacar alguns lugares da cidade aos alunos. Entretanto, isto não substitui a caminhada, que engloba diversas formas de olhar para a cidade e inúmeras sensações ao contemplar o espaço urbano, porém, é uma forma de levá-los a ter contato com lugares da cidade que não foram observados com atenção ou nem mesmo conhecidos por eles, podendo assim, ser utilizada para conduzir os alunos a uma reflexão sobre a cidade onde moram.

1.6 Meio ambiente e História

Primordialmente, quando se fala em estudos sobre a paisagem dentro da história, não é possível negligenciar as relações entre sociedade e meio ambiente abordadas nos estudos sobre paisagens e seus aspectos históricos. Sobre isso, Souza (2015) destaca que o tema natureza e meio ambiente podem ser discutidos amplamente, seja para trabalhar educação ambiental, apropriação de recursos naturais, transformações e influências do cenário em que os alunos estão inseridos, dentre outros apontamentos. Ainda, para Carola (2010) a história ambiental pode trazer muitas reflexões sobre o mundo em torno do aluno, e pode ser trabalhada a partir de textos literários, filmes, imagens e ainda promover a saída e observação de campo e o uso da história oral, valorizando a memória ambiental guardada pelos seres humanos, visto que:

Compreender como a sociedade se comporta em relação à natureza é uma tarefa de todos nós na medida em que se integra ao nosso cotidiano e nos mostra uma relação profunda e densa. Não nos esqueçamos disto por nenhum momento. Mesmo que as ações – individuais ou coletivas – sejam minúsculas e, em especial localizadas no lugar em que vivemos, elas são primordiais para percebemos melhor o nosso lugar na natureza e o lugar da natureza em nossa sociedade (KRUL; KOBELINSKI, 2013, p. 19).

Na nossa abordagem, não seguiremos com a proposta da Educação ambiental, com todas as particularidades que os processos de Educação Ambiental assumem no cotidiano escolar, todavia, os resultados da nossa pesquisa talvez possam contribuir com

estes posicionamentos. Seguiremos de forma mais ampla com a abordagem do ambiental pelo estudo histórico, naquilo que suas rationalidades permitem entender da relação entre sociedade e natureza para assim, entendermos historicamente processos históricos da nossa cidade nas aulas de história.

Logo, de acordo com Pádua (2010), as bases epistemológicas da História ambiental podem ser pensadas a partir de uma mudança externa, dos movimentos sociais historicamente percebidos no Ocidente principalmente a partir dos anos de 1970, nas palavras do autor, as “vozes da rua” que cobram novas posturas ambientais, e de uma mudança interna, movimento no qual a disciplina de História busca compreender o lugar do mundo natural na vida dos seres humanos. No próprio Referencial curricular do Paraná é destacado que as questões ambientais devem ser “articuladas ao currículo como um processo educativo” (PARANÁ, 2018, p. 12), buscando sempre a posição da escola como articuladora entre as realidades sociais e ambientais.

Ademais, para Leff (2005), o ambiente tem entrado em discursos políticos e científicos para dar novo significado a novas interações entre homens e natureza. Para isso, muitas disciplinas vêm desenvolvendo estudos sobre tal pensamento. Dentre essas disciplinas, a História começa a desenvolver a história ambiental, com a qual “abre uma nova indagação sobre o tempo, sobre as temporalidades que definem os processos ecológicos e as identidades culturais que se integram com os processos econômicos e tecnológicos, que marcam o curso da história moderna” (LEFF, 2005, p. 12).

Nessa concepção, ancorada numa acepção socioambiental da relação entre sociedade e natureza, não seria necessário apenas pensar sobre os impactos causados na natureza, mas também na problematização das “relações entre ecologia e economia, a partir do campo do poder e da cultura” (LEFF, 2005, p. 13). Em outra obra, Leff (2003, p. 24) destaca que a história ambiental não é apenas uma forma de olhar o passado, mas algo que descobre e revive as transformações da natureza ocasionadas culturalmente e recupera “uma visão das condições naturais que configuraram certas formas de organização cultural”, o que faz com que, de certa forma, se abram caminhos para a constituição de um futuro mais sustentável.

Além disso, segundo Colacios (2017), embora os estudos sobre História ambiental venham crescendo na pesquisa brasileira, ainda falta muita discussão teórica. Um exemplo disso, é a concepção de multidisciplinaridade, essencial para esta área, pois “O trabalho com uma variedade de disciplinas, tanto das ciências humanas quanto das biológicas e físicas, amplia ainda mais as possibilidades metodológicas, inserindo

conceitos que não faziam parte do escopo historiográfico" (COLACIOS, 2017, p. 7), e que ainda é pouco debatida entre os pesquisadores.

Outro ponto destacado por Colacios (2017), é a inserção de conceitos que não eram do campo da história, que acabaram por abrir portas para novas fontes, auxiliando estudos historiográficos e também de outras áreas. Apesar disso, o autor ressalta que ainda falta um pouco de crítica quanto ao uso dessas fontes pelos historiadores ambientais e atenção aos sentidos dos conceitos utilizados, pois quando há distorção destes, pode acarretar conflito entre leitores e também entre os pesquisadores. Neste viés, o uso do termo meio ambiente pelos historiadores, sendo usado muitas vezes de forma generalizada e com diferentes significados, como é o caso do termo ser usado como sinônimo de natureza.

Outrossim, para Colacios (2017), as várias interpretações do termo meio ambiente concentram-se em 3 matrizes: ecológica, socioambiental e geográfica. A matriz ecológica é mais ligada à Biologia e a Ecologia, remetendo a uma ideia de "natureza separada da sociedade" (COLACIOS, 2017, p. 13) e a interação que há entre uma e outra dá-se quando os impactos ambientais atingem a natureza. A matriz socioambiental considera meio ambiente e natureza como sendo sinônimos. Assim, para essa matriz o meio ambiente "é amplo, pode ou não abranger a humanidade/sociedades humanas, permite problematizar a relação entre sociedade e natureza, pois não cria fronteiras específicas, tal como ecossistemas e mundo não humano" (COLACIOS, 2017, p. 15), o que permite interações entre sociedade e natureza em vários níveis, dentre eles cultural, político e econômico. A terceira matriz, a geográfica, é muito utilizada pelos historiadores que trabalham com história regional, pois

na interpretação de meio ambiente por parte dos historiadores, enquanto natureza, este fica caracterizado como um espaço, um lugar determinado. Uma cidade, vilarejo, um rio, toda uma região ou então certa paisagem são os objetos analisados pelos historiadores desta matriz. Podem ser considerados uma variação da matriz socioambiental, pois a maioria dos estudos que a compõem tem a preocupação de promover a relação entre sociedade e natureza em termos amplos, porém, focalizando um local específico e retirando dele as implicações dessa interação (COLACIOS, 2017, p. 17).

Diante dos fatos mencionados, neste trabalho, compreendemos o termo meio ambiente em parte por meio da vertente geográfica, a qual considera o meio ambiente como um espaço determinado, podendo ser uma paisagem, uma cidade ou uma região (COLACIOS, 2017), e em parte pela perspectiva socioambiental, que engloba meio

ambiente e natureza como sinônimos, sem colocar fronteiras entre ambiente humano e ambiente natural. (COLACIOS, 2017; LEFF, 2005).

Então, atentaremos às diferentes rationalidades, pensadas a partir da complexidade das práticas, atentos aos saberes dos sujeitos que, mais do que sujeitos da rationalidade econômica, ou mesmo ecológica, são sujeitos que trazem saberes e formas de se lidar com a natureza especificamente, com imagens da paisagem da cidade. Essas transformações são históricas e reverberam diferentes temporalidades significativas para o ensino da história local.

1.7 O tempo histórico no ensino de História

Ensinar História pode até parecer algo fácil, porém, esta imagem muda quando se pensa que o ensino acontece em escolas, que estão inseridas em sociedades, que por sua vez estão num mundo em constante mudança, cheio de conflitos, culturas, concordâncias e discussões, tudo isso, permeado por indivíduos com diferentes valores, costumes, rotinas, condições sociais, dentre outros pontos (SILVA, 2016).

Isso tudo ainda se associa ao fato de que as mudanças e os acontecimentos históricos acontecem num tempo diferente do tempo cronológico com o qual estamos habituados, e sim no tempo histórico, no qual as durações de fatos podem ter temporalidades distintas, sendo que “a compreensão dessas durações constitui parte do processo de assimilação das durações da realidade social e contribui para o entendimento da duração de acontecimentos históricos, de movimentos sociais e de guerras, por exemplo” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 79).

Ademais, é preciso pensar que as formas de se perceber o tempo histórico são diversas, e durante toda a história da humanidade é notada uma grande preocupação com o tempo, e na historiografia não foi diferente. Um exemplo disso, é a abrangência da compreensão da passagem do tempo nos elementos naturais e suas transformações advindas ou não da ação humana, assim sendo, “a natureza apresenta-se cada vez mais como algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada, que serviria de referencial estável para a agitação do viver humano” (PÁDUA, 2010, p. 88). Ainda, Segundo Drummond (1991, p. 177-178) “a maneira mais provocativa de colocar o significado da história ambiental é considerar o fator tempo. O tempo no qual se movem as sociedades humanas é uma

construção cultural consciente”. Para este autor, o entendimento sobre o tempo é algo que se mistura ao inconsciente social, sendo “um fio condutor das mudanças e continuidades” (DRUMMOND, 1991, p. 178) a partir do qual, os historiadores tentam aproximar o entendimento da passagem do tempo natural e do tempo social, sintetizando também, contribuições interdisciplinares como no caso de algumas conceituações.

Além disso, para Drummond (1991) a história ambiental também apresenta fortes conexões com a história regional, pois dá ênfase a processos naturais e sociais que envolvem as características, mudanças e comportamentos de determinadas localidades ou regiões, podendo, dentre outras coisas, auxiliar no entendimento de “padrões de usos de recursos naturais” (DRUMMOND, 1991, p. 182). Assim, para isso, o historiador pode dispor de inúmeras fontes de linguagem escrita ou não, dentre elas a fotografia e a memória, nossos pontos de ancoragem metodológicos, além da observação e da anotação, técnicas que “podem ser usadas mesmo sem comprovação suplementar dos documentos propriamente ditos” (DRUMMOND, 1991, p. 184), haja vista que nem tudo numa ou sobre uma determinada região foi registrado.

Então, com as mudanças que acontecem ao longo do tempo “a paisagem se transforma em si mesma num documento” (DRUMMOND, 1991, p. 184), sendo que este documento pode ser lido e comparado com outros registros que podem complementar o entendimento sobre um determinado local.

Conforme Hartog (2003), as preocupações voltadas para o tempo geraram diversas formas de se perceber a conexão entre passado, presente e expectativas de futuro, formas estas, que mudavam também de acordo com os diferentes momentos da história e que o autor chamou de “Regimes de historicidade”. Assim, para o autor, os regimes de historicidade podem ser compreendidos como formas de enquadramento das experiências temporais, condizendo com os modos de discorrer sobre o nosso tempo, sendo “uma expressão da experiência temporal, regimes que não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas” (HARTOG, 2003, p. 12).

Ainda, para exemplificar alguns desses regimes, o autor aponta que entre os séculos XVII e XX predominou o que se chama de regime moderno de historicidade, no qual o ponto de vista do futuro era dominante (futurismo). Diferentemente da temporalidade –(passadista) que tem a história como *magistra vitae* (mestra da vida), na qual as experiências do passado serviam de exemplo para as ações humanas (elas não teriam sido suficientes para auxiliar no enfrentamento de acontecimentos novos como os

da primeira e segunda guerra mundial), no regime moderno o passado era visto como obsoleto. As palavras em evidência neste regime eram “reconstrução, modernização, planificação, competição, confronto entre Leste e Oeste, mudanças econômicas e técnicas” (HARTOG, 2003, p. 25). Mesmo assim, o futuro começou a ganhar cada vez menos espaço cedendo assim ao domínio do presente e nada além dele.

Esse fato direciona a outro regime de historicidade que pode ser observado em alguns momentos da história, fendas do tempo segundo o autor, mas com destaque principalmente no início do século XX: o presentismo. Nesse momento, com as grandes mudanças nos meios produtivos, avanços tecnológicos e científicos, crescimento da mídia, dentre outros, o presente parecia a tudo inundar, tornando tudo ultrapassado cada vez mais rápido e o foco era o presente por si só. Desta forma, “Assim fomos do futurismo para o presentismo e ficamos habitando um presente hipertrofiado que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte: sem passado sem futuro, ou a gerar seu próprio passado e seu próprio futuro” (HARTOG, 2003, p. 27).

Ainda nesta ótica, Hartog (2013) destaca que o tempo passa e deixa suas marcas por tudo e por todos, incluindo o meio ambiente. Frente a isso, o autor aponta as inúmeras tentativas de patrimonialização do meio ambiente, investimentos na transformação de um “museu a céu aberto”, conferências a respeito de seu futuro, dentre outras. Mediante a tais inquietações e a desastres naturais ou impactos ambientais causados pela ação humana, pode-se perceber “a patrimonialização do meio ambiente, que designa a extensão provavelmente mais concreta e mais nova da noção, abre incontestavelmente para o futuro ou para novas interações entre o presente e o futuro” (HARTOG, 2013, p. 245).

Perante o exposto, o autor questiona fronteiras entre presente e futuro, se isso indicaria que saímos do foco do presente para darmos lugar a preocupações com o futuro, expondo também que é preciso refletir se os questionamentos sobre os regimes de historicidade do patrimônio não nos levam a sermos conduzidos bruscamente do passado a um futuro que “não é mais um horizonte luminoso rumo ao qual caminhamos, porém uma linha de sombra que colocamos em nossa direção, enquanto parecemos patinar no campo do presente e ruminar um passado que não passa” (HARTOG, 2013, p. 245).

Considerando os apontamentos do autor somos levados a refletir se:

A historiografia profissional foi então confrontada com o novo desafio de estabelecer que um interesse pelo passado e um interesse pelo presente não se contradiziam um ao outro, sem reativar o antigo padrão da história magistral. Se o passado enquanto tal não comportava uma

lição direta para o presente, o problema seria transformá-lo, ou uma sua parte, em um passado relevante (HARTOG, 2003, p. 26).

É preciso então, em todos os estudos e reflexões, ponderar sobre a importância que damos ao passado, ao presente e ao futuro (expectativa de futuro), de modo a tentar não pender apenas para “um dos lados” e sim, considerar que tudo é ligado e não fracionado, sem relação com o outro e lembrar sempre que “as relações com o tempo podem esclarecer, mas não se decretar” (HARTOG, 2013, p. 247). Deste modo, cabe evitar em uma aula de história com um foco exacerbado só no passado, só no presente ou só no futuro, para que não sejamos excludentes e não caiamos num passadismo, presentismo ou futurismo.

A partir das contribuições de Hartog, cabe aqui nos reaproximarmos do ensino de história. Segundo Schmidt e Cainelli (2004), no trabalho com temporalidades em sala de aula é importante levar os alunos a notarem que existe uma simultaneidade nos fatos que acontecem. Assim, o trabalho:

Com alunos das séries iniciais, por exemplo, atividades de observação de dois objetos iguais, de épocas diferentes, podem ser úteis para desenvolver essas noções. Outras atividades, como trabalho com imagens (fotos e gravuras de época), ordenação de fatos da vida cotidiana e narração de histórias contadas por alguém, também podem ajudar esses alunos a se situarem em tempos mais distantes daquele de sua experiência pessoal e a localizarem os fatos históricos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 78).

Desta forma, tais fontes podem ser utilizadas dentro de sala de aula e associadas a fatos do cotidiano e da localidade dos alunos para levá-los a compreensão de como as mudanças que os rodeiam são marcadas por temporalidades. No próximo capítulo, apresentaremos as experiências obtidas com o uso de um tipo de fonte na sala de aula: a fotografia, e assim poderemos explanar sobre a forma de abordagem, possibilidades de apresentação e a interação dos alunos com a fonte, neste caso, a fotografia.

1.8 Fotografia e ensino de História

A priori, muitos são os documentos que podem ser usados no ensino de História. Estas fontes históricas podem auxiliar tanto na pesquisa quanto no ensino de História e, portanto, na compreensão das “ações humanas no tempo e no espaço” (SEFFNER, 2017, p. 249). A partir destas fontes, os alunos podem “construir sua compreensão tanto dos

modos de produção daquelas fontes em particular quanto de outras fontes que lhes rodeiam” (SEFFNER, 2017, p. 248), sendo que, para que isso aconteça, o autor ressalta que é necessário promover uma discussão teórica adequada a idade dos alunos.

Na atualidade, a fotografia é um recurso muito presente no cotidiano das pessoas, momento este no qual o consumo e produção de imagens é constante, o que torna a fotografia um elemento diverso, acessível e de fácil manuseio (PIRES, 2020, p. 118). Assim, Cunha (2016) considera a fotografia como uma fonte insubstituível, haja vista que ela só existe porque algo foi captado, e deste modo traz-nos informações de lugares que podem não mais existir, comprovando assim a sua existência num momento anterior.

No tocante ao ensino de História, a fotografia pode ser um elemento atrativo tanto para professores quanto para os alunos. Nesta perspectiva, Torres Neto (2018) destaca que é de fácil acesso para ambos, dado que ela está na televisão, internet, redes sociais, além de poder ser produzida pelos alunos, em sua maioria portadores de aparelhos celulares que captam momentos em situações diversas. Neste sentido, o autor aponta que a fotografia e sua produção podem levar “a compreensão da construção de inúmeras memórias que uma pessoa, grupo, lugar, objeto podem ter” (TORRES NETO, 2018, p. 78).

A memória, segundo Santos (2012), é a capacidade dos indivíduos guardarem fatos acontecidos, sejam eles coletivos ou individuais. Tais memórias constituem a identidade de um determinado povo ou lugar, assim sendo, “a história como uma área que se anora na memória para constituir-se tem nos museus, nos monumentos, e nos elementos da cultura imaterial como a dança, a alimentação e a música importantes lugares de memória” (SANTOS, 2012, p. 3).

Na prática da sala de aula, uma grande provocação que se coloca diante do professor é o trabalhar com a memória, “percebê-la e problematizá-la em suas múltiplas dimensões, considerando seus aspectos culturais, sociais e políticos” (OLIVINDO, 2017, p. 11), dessa forma, o trabalho com fontes como a fotografia pode ajudar na problematização das memórias contidas em tais fontes e também nas apresentadas pelos alunos em suas falas sobre o que já viram ou já ouviram falar sobre um determinado assunto.

Corroborando Torres Neto (2018) ainda ressalta que o acesso às memórias auxilia os sujeitos na percepção do processo de “existir e desaparecer” de lugares e práticas, colaborando para a percepção de si mesmos enquanto sujeitos históricos e para a

construção da consciência histórica. Então, a consciência histórica pode ser entendida como:

Uma estrutura inerente ao pensamento e a ação humanas, ainda que varie em sua forma e conteúdo. Ela é reconhecível, em toda essa diversidade, porque as pessoas se relacionam com o tempo, produzem narrativas que lhes dão sentido e utilizam esse sentido para escolher suas ações (que incluem não agir ou considerar que não podem agir de modo distinto do usual) mirando o futuro que desejam, ou ao qual julgam que devam se submeter (CERRI, 2011, p. 61).

Ainda, Mauad (2015, p. 84) enfatiza que a utilização da fotografia no ensino de história torna o ensino muito mais significativo para o aluno, visto que

A compreensão de imagens requer um aprendizado cultural que, no limite, permite reconhecer em uma fotografia não a realidade em si mesma, mas a sua (re)apresentação. Tal operação, por mais simples que pareça, implicará num exercício de ver e reconhecer o que se vê por meio de operações conceituais: uma imagem bidimensional onde apareço, soprando as velinhas dos meus cinco anos é denominada fotografia. Tal aprendizado se processa num ambiente cultural historicamente determinado, seguindo regras de codificação definidas segundo as práticas sociais de produção de sentido.

Em outra obra, Mauad (1996), considera a fotografia como uma mensagem engendrada no decorrer do tempo, que retrata muito mais do que os sujeitos que a produzem ou aqueles que a apreciam e podem ver, e por isso, às vezes, "impressionam-nos, comovem-nos, incomodam-nos, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes" (MAUAD, 1996, p. 5). Além disso, para a autora a fotografia é um recurso de circuito social, estando presente com distintas abordagens e técnicas nos mais diversos momentos de nossas vidas, registrando acontecimentos significativos ou não para as pessoas, deixando aos historiadores o grande desafio de ir além da mensagem superficial, ou se é possível dar segmento a mensagem nela contida e como fonte histórica, a fotografia deve passar por críticas antes de ser organizada e utilizada. Assim sendo,

A fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sínscicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem (MAUAD, 1996, p. 7).

A fotografia pode também ser muito útil no estudo das temporalidades, dado que:

Por meio da fotografia pode-se, também, através do olhar na cidade, identificar os vestígios do passado (ainda) existentes nela, bem como

em seu entorno, possibilitando entender, a partir daquilo que muda ou permanece, as formas de viver e de se relacionar das pessoas na e com a cidade (TORRES NETO, 2018, p. 78).

Então, quando relacionada ao estudo da paisagem, a fotografia “mostra além de uma mera explicação, que por meio dela podemos apreender a cultura e as relações que os sujeitos estabelecem com a paisagem no dia a dia, repleta de sentimentos e simbologias” (SOUZA, 2018, p. 1). Ainda, segundo Silva *et al* (2017, p. 12) a fotografia pode levar o aluno a compreender o dinamismo que existe dentro da paisagem, pois possibilita “que os alunos tenham uma maior compreensão das modificações que ocorrem no espaço geográfico, levando os mesmos a entenderem as mudanças observadas no decorrer do tempo”, estimulando assim diálogos e exposição de posicionamentos e opiniões sobre o assunto.

Outra importante contribuição, a de Kossoy (2001), aponta que além do valor histórico inerente à fotografia, é preciso pensá-la como um meio de disseminação de informações, que envolve técnicas e estratégias de produção, recortes de fatos, angulação, um momento escolhido propositalmente ou não, que não mostra o que veio antes e nem o que veio depois, dentre outras coisas advindas da carga cultural que o fotógrafo carrega consigo. Deste modo, “toda fotografia representa em seu conteúdo uma *interrupção* no tempo e, portanto, da vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível” (KOSSOY, 2001, p. 44).

Diante de tudo isso, “a diversidade de registros fotográficos assumiu a condição de fonte importante de estudo da sociedade contemporânea” (BITTENCOURT, 2009, p 366), no entanto, é preciso tomar alguns cuidados, lembrando-se sempre que existe um fotógrafo por trás da foto, que direcionou seu olhar, com sua intencionalidade para aquilo que fotografou, ou seja, “uma foto, é sempre produzida com determinada intenção, existem objetivos e há arbitrariedade na captação das imagens” (BITTENCOURT, 2009, p 367).

Destarte, o uso de documentos em sala de aula deve ser problematizado, ressaltando que o mesmo não foi produzido de forma neutra, mas baseado num determinado olhar, além de que tais fontes não trazem uma verdade absoluta sobre algo, e estão sempre abertas para novos questionamentos. Neste sentido:

O trabalho de ensino de História em sala de aula pressupõe momentos de crítica, de análise, bem como de produção de argumentos que

possam validar, no presente, determinadas leituras da realidade passada, uma vez que o conhecimento histórico é uma operação intelectual que se esforça por produzir determinadas compreensões do passado (SEFFNER, 2017, p. 249-250).

Desta forma, “o uso da fotografia pode favorecer o entendimento das mudanças e permanências, por intermédio de um estudo comparativo” (BITTENCORT, 2009, p. 369), que pode ser feito com alunos das mais variadas faixas etárias. Por fim, como parte do nosso acervo, assim como parte significativa de fotografias sobre as cidades estarem disponibilizadas online, fecharemos este capítulo com a problematização do uso de “documentos” com suporte digital.

1.9 As fontes e o meio digital

Assim como com o passar do tempo novos documentos passaram a ser objeto de estudo dos historiadores, também novas formas de armazenamento de documentos foram surgindo. O meio digital é atualmente um dos meios pelo qual podemos encontrar inúmeros documentos, que podem ser alterados e que muitas vezes não conhecemos sua origem. A exemplo da fotografia, esta pode ser compartilhada na internet e ser armazenada por inúmeras pessoas para os mais variados fins, cortada, adaptada, compartilhada em redes sociais, dentre outras formas de armazenamento, o que torna-se flexível assim como o uso, visto que o acesso é de grande alcance. Assim, torna-se difícil então, falar de uma materialidade da fonte, até porque muito do que utilizamos do meio digital são cópias, que podem vir muitas vezes de memórias pessoais que foram compartilhadas num determinado momento e que por estar num meio amplo muitas vezes há a impossibilidade de verificar sua autenticidade. Essa realidade possibilita, mesmo, a problematização do próprio significado da relação entre documento e arquivo, pensados a partir da virada digital (PONS, 2017).

Em consonância com essa ideia, segundo Almeida (2011), embora a internet seja um espaço onde se é possível encontrar muitas fontes históricas, ainda há uma relutância por parte dos historiadores para o uso destas. Alguns dos motivos para isso, segundo Cezarinho (2018), são o da dificuldade de referênciação confiável e da dificuldade de acessar o material posteriormente, visto que os autores das páginas podem fazer alterações a qualquer momento, além de que o tradicionalismo historiográfico de se ter algo em

mãos para chamar de fonte, ainda existe. Com o aumento da quantidade de fontes disponíveis na internet,

para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a Internet significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores (Almeida, 2011, p. 12).

Neste viés, Cezarinho (2018) propõe então uma reflexão necessária, quanto aos empecilhos para utilização de fontes disponíveis na internet, pois, nesse espaço, a identidade das obras dissolve-se em meio a imensidão de mãos digitais pelas quais ela passa, sendo assim, é preciso pensar “até que ponto é realmente necessária a presença da autoria? Sua ausência pode impedir análises e contextualizações de determinadas realidades em tempo/espaço específicos? Qual é o papel da autoria?” (CEZARINHO, 2018, p. 325), até porque, se existe uma mudança no armazenamento de fontes e se mesmo sem autoria as fontes levam-nos ao caminho de entendimento de um determinado assunto, estas devem ser consideradas como válidas.

Desse modo, Cezarinho (2018) enfatiza que o que se busca quanto as fontes obtidas na internet não é se esquivar da questão da autoria, mas sim, a compreensão de que fontes, como por exemplo, uma “imagem que possa aparecer no *Facebook* carrega conteúdos que transbordam à sua forma, mas é a partir dela que os discursos organizam-se abrindo brechas e possibilidades de serem interpretados pelo(a) historiador(a)” (CEZARINHO, 2018, p. 331). Assim sendo,

Todas as fontes que surgem na internet devem ser compreendidas como fruto ou consequência de relações externas. Consideradas dessa maneira, passam a ganhar sentido e oferecem meios para que o(a) historiador(a) atue sobre elas. Cabe então enquadrá-las no tempo/espaço que lhe conferem sentido. Portanto, as fontes na internet, no caso aqui específico da plataforma *Facebook*, possuem significados relativos a determinados contextos sociais, isto é, os registros desprovidos de autoria recebem novos direcionamentos podendo ser utilizados com a triangulação de distintas tipologias de fontes como as orais, impressas, etc. (CEZARINHO, 2018, p. 329).

Neste trabalho, as fotografias utilizadas foram provenientes da internet, disponíveis em blog e página no *Facebook*. Vale lembrar que optamos por considerar estas fotografias, mesmo sem autoria identificada, tendo em vista que na época em que foi feito o registro, a dificuldade em identificar os autores era muito grande e também por tratar-se de registros escassos de uma determinada época, é preciso levar em conta que

talvez este seja um dos raros lugares onde é possível encontrar essas fotografias. Além disso, tratando-se de fontes encontradas na *internet*, “a noção de autoria parece perder-se nesses ambientes obrigando que reflexões sobre a sua presença ou não sejam necessárias” (CEZARINHO, 2018, p. 336).

No capítulo seguinte, apresentaremos como foi, na prática, a aplicação de algumas atividades com os alunos, que envolviam a fotografia. Essas experiências ajudaram-nos a perceber como a fotografia pode atuar como elemento didático e ser estimuladora de conversas e aprendizagens sobre passagem do tempo, mudanças e permanências e sobre a história que nos cerca e da qual também fazemos parte. Além da fotografia, outras atividades foram realizadas e serão também apresentadas. Elas foram pensadas para serem aplicadas numa sequência combinadas com a fotografia. Conforme apresentamos, elas intentaram problematizar as transformações históricas da cidade e suas implicações com o tempo e natureza.

2

UMA PROPOSTA PARA AS AULAS DE HISTÓRIA: METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Encaminhamentos metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se tanto como pesquisa bibliográfica quanto como pesquisa qualitativa desenvolvida em parte em sala de aula. As duas dimensões procuram, conforme adiantamos, culminar em um material propositivo para o ensino de história Local. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002) é aquela que se utiliza de material bibliográfico para se analisar diferentes posições sobre um mesmo assunto. A pesquisa qualitativa busca explicar:

o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Neste trabalho, realizamos um aprofundamento de leituras sobre o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino fundamental, o uso de diferentes fontes no ensino de História, com ênfase no uso da fotografia como um recurso didático que auxilia os alunos na compreensão de conteúdos propostos nas aulas. Ademais, como parte desta pesquisa, desenvolvemos algumas atividades, que serão explicitadas no tópico seguinte e que comporão o produto educacional desta dissertação, que se trata de um caderno de atividades voltado para o ensino de História com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Estas atividades foram aplicadas com alguns alunos das séries iniciais, devido à impossibilidade de se trabalhar com uma turma completa, por conta da pandemia de COVID-19 que acometeu a população mundial nos últimos anos e, consequentemente, resultou em distanciamento social que suspendeu aulas presenciais no período. É

justamente a análise dos resultados dessas atividades que integram as escolhas e tipos de apresentação do material propositivo presente nos apêndices do texto.

2.2 Atividades com fotografias do município

Ao pensar no trabalho com o ensino de História dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de maneira que fatores locais da realidade do aluno fossem valorizados, desenvolvemos quatro atividades, das quais, três foram aplicadas com alunos das séries iniciais. As falas dos alunos foram gravadas durante a atividade apenas para que alguns detalhes pudessem ser lembrados durante a escrita desta dissertação, e eles não serão identificados por motivo de escolha metodológica e ética. Ainda, para análise das falas e interpretações dos alunos, é de grande importância ter em mente que a explicação “que os alunos vão produzir também será assim marcada pela provisoria, inclusive em suas vidas” (SEFFNER, 2017, p. 250), uma vez que cada um aplicará sua subjetividade.

Vale frisar que todas as atividades envolvem fotografias, por considerá-las um suporte acessível para professores e alunos e também por se tratarem de fontes históricas que, quando “transformadas em recursos didáticos, favorecem a introdução dos alunos no método de análise de “documentos históricos” (BITTENCOURT, 2009, p. 369). As discussões sobre as fotografias giraram em torno de comparação com fotografias antigas, com discussões sobre os fatores que levaram as mudanças a acontecerem, e alguns elementos a permanecerem, sejam na paisagem ou nos hábitos humanos.

A primeira atividade trata-se de um comparativo de imagens antigas e atuais, pensada com o intuito de produzir uma discussão com os alunos sobre os motivos que levaram os primeiros habitantes a escolherem aquela área para ali se instalar e quais fatores foram considerados para modificação das paisagens. Para isso, apresentamos a um aluno do quinto ano das séries iniciais uma imagem antiga e uma atual de uma avenida da cidade de Janiópolis-PR, na qual surgiram as primeiras habitações da área, hoje considerada urbana e uma fotografia atual.

Antes disso, foi realizada uma discussão sobre o que o aluno entendia por fotografia, e a resposta foi “guardar algo para ver depois”. Conversamos também sobre as intenções da fotografia quando ela foi tirada e também sobre os diversos olhares que o fotógrafo pode direcionar ao fazer uma fotografia. Em seguida, foi apresentado ao aluno uma fotografia atual de uma avenida da cidade (Imagem B) e perguntado se o mesmo conhecia aquele local. Após resposta afirmativa, ele foi questionado sobre o passado

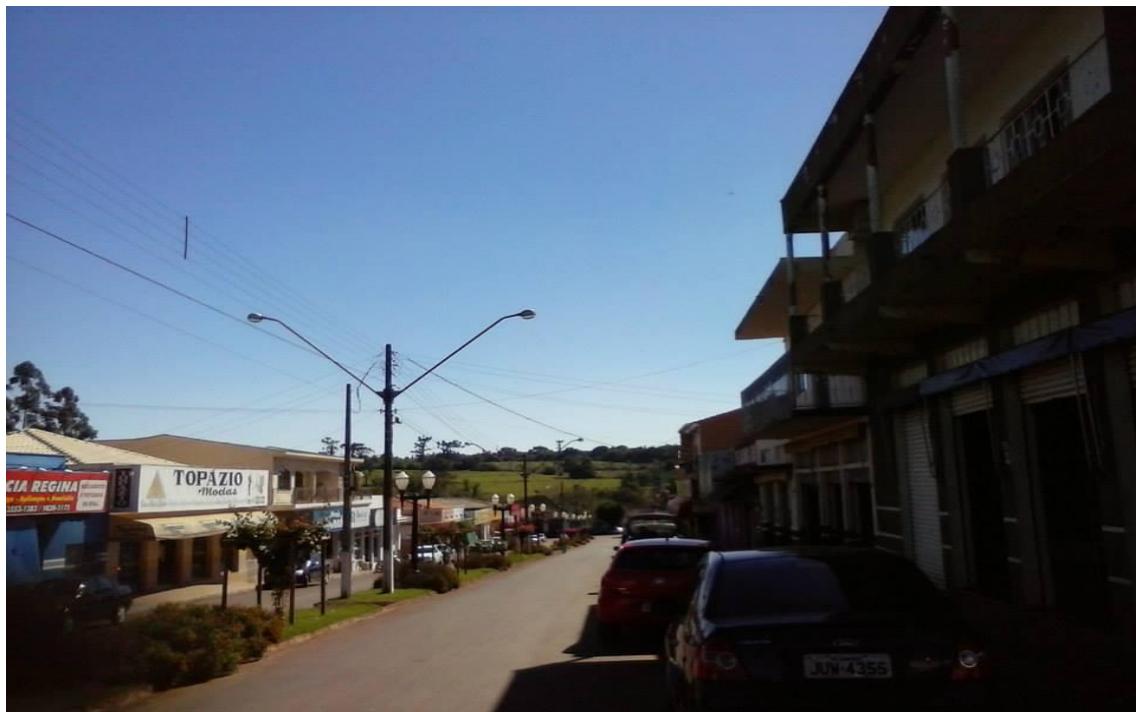
daquele lugar e se sabia algo sobre como era “antigamente”, então respondeu que achava que era diferente, mas não sabia como. Neste momento, foi apresentado uma fotografia antiga do local (Imagem C), explicando sobre o início da urbanização ter começado naquela área, próximo ao rio que passa ao fundo da avenida (DANGUI, 2008), e em seguida foi pedido para que ele apontasse as diferenças entre as duas imagens e falasse o porquê das primeiras habitações e comércios terem se iniciado naquela região. O rio é popularmente conhecido como rio do sapo, devido a inundações que aconteciam há anos atrás e que chegavam algumas vezes até a parte urbana, propiciando a proliferação de sapos, no entanto, conforme informação adquirida por meio da carta topográfica SG.22-V-A-III-1 MI-2802/1 (Janiópolis), obtida no site do Instituto Água e Terra (IAT, 2022), o rio tem o nome de Córrego Água dos Peões.

Imagen B – Primeira farmácia do município (Aproximadamente década de 70)



Fonte: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>

Imagen C – Avenida Paraná (2017)



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=856742271153153&set=a.101464513347603>

Entre os elementos destacados, estava “a pouca quantidade de comércios”, “a rua sem asfalto”, “as árvores ao fundo”, que chegavam até os prédios, “a falta de postes”. Quanto ao local de origem da cidade estar próximo ao rio, o aluno relacionou diretamente com a necessidade de “buscar água para beber e para cuidar da casa”, “das roupas e dos animais”, e também “peixes para comer”, conforme havia visto anteriormente em matérias como a Geografia, e também História, em outros anos. Quando questionado sobre o porquê de as mudanças acontecerem, falou sobre o aumento da população na cidade, sobre o surgimento de novos recursos como asfalto, energia elétrica, chegada de materiais de construção, além da madeira. Ao final, para obter um registro escrito dele, foi pedido que escrevesse sobre elementos que duravam desde a época da primeira foto até os dias atuais e ele listou a farmácia, casas e rio. Ademais, foi pedido também que escrevesse elementos que haviam durado pouco tempo e que hoje já não existem ou existem em menor quantidade, dentre os quais ele citou “árvore”, “madeira” e “pessoas”.

Na sequência, a segunda atividade trouxe fotografias de um outro ponto da cidade de Janiópolis: a igreja católica e foi desenvolvida com um aluno do segundo ano dos anos iniciais. Com esta atividade, buscou-se principalmente trabalhar além das transformações na paisagem, as mudanças e permanências em costumes da população. Para isso, primeiramente, conversamos com o educando sobre fotografias, sobre o fato de que quem

as registra tem uma intencionalidade e sobre a importância sempre questionar a imagem contida na fotografia. Na sequência apresentamos a um aluno do segundo ano do ensino fundamental três imagens de um mesmo lugar (a igreja católica) em anos diferentes (Imagens D, E e F).

Imagen D: Construção da primeira igreja católica (década de 1960)



Fonte: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>

Imagen E: Igreja católica (anos 2000)



Fonte: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>

Imagen F: Igreja católica (dias atuais)



Fonte: <https://www.facebook.com/janiopolis.queridorincao.9>

O primeiro passo da atividade, foi apresentar as três imagens e perguntar se o mesmo conhecia algum daqueles lugares. Após a resposta positiva, com relação à imagem e, que inclusive o aluno relatou que já havia frequentado, foi explicado sobre o fato de a primeira das imagens ser uma das primeiras construções do território onde hoje encontra-se a parte urbana da cidade. Foi explicado também, sobre a chegada dos primeiros habitantes nessa região, suas intenções e os recursos naturais existentes quando eles chegaram, sendo a mata fechada e o rio com dimensão maior que a atual.

Na sequência, o discente foi questionado sobre o porquê de a igreja ser uma das primeiras construções da localidade, e então a resposta foi que era porque não tinha um lugar para rezar, aí eles construíram um. Sobre a paisagem das fotografias, o aluno notou primeiramente a diferença da primeira foto em preto e branco e as demais coloridas, o que demandou uma explicação sobre as transformações que acontecem com objetos tecnológicos como a máquina fotográfica, que, conforme o surgimento de novas tecnologias, pode ter seu desempenho melhorado. Outro elemento destacado por ele foi a mata ao fundo da imagem C, a qual hoje não mais existe, e também o chão exposto na figura C, onde hoje se encontra o calçamento da praça e o asfalto.

Ainda, questionado sobre o porquê da primeira igreja ter sido feita de madeira, o estudante respondeu que este material foi usado porque era o que eles tinham na época e talvez não tivessem condições financeiras de comprar tijolos para fazer a igreja. Logo, foi necessário fazer uma explicação sobre a dificuldade de localização do território da foto na época e do costume e da abundância de madeira, o que levou os pioneiros a

fazerem as construções da época com esse material, e também sobre a criação de novas estradas para o acesso ao local, o que facilitou a chegada de materiais de outras localidades, e consequentemente, a mudança nas formas de construir. Sobre a mata que havia ao fundo, o aluno relatou que havia sido tirada para fazer outras casas para moradia e a madeira para utilizar na construção, para fazer móveis e ser usada como lenha.

A posteriori, o educando também foi indagado sobre a retirada da mata que cobria a região, se foi um acontecimento bom ou ruim para o local. E então, ele falou sobre os animais que lá viviam e ficaram sem ter para onde ir, todavia falou também que as pessoas precisavam morar em algum lugar. Ao encontro disso, foi explicado sobre a retirada da vegetação nativa e de perdas não só da moradia dos animais, mas também de plantas que só existiam ali, da proteção do solo, da proteção do leito de rios, como no caso do rio próximo à cidade e que teve seu tamanho diminuído devido à retirada de mata ciliar que o protegia.

Quanto às modificações no prédio da igreja, o aluno comentou sobre a mudança de material, conforme explicamos anteriormente, sobre a mudança na pintura e também na escadaria. Além disso, destacou a respeito de que uma cadeirante ou pessoa com deficiência não conseguiria subir aquelas escadas, e por isso tiveram que ser feitas rampas. Logo, foi explicado que as políticas e pensamentos são modificados com o passar do tempo e a inclusão torna-se necessária, fazendo com que se repense algumas construções para que todos os públicos sejam atendidos. Durante a conversa, o educando também relacionou outros lugares, como por exemplo, casas de madeira que ainda existem nas cidades, todavia em quantidades menores do que antigamente; sobre a utilização da lenha, que ainda é usada por algumas pessoas para fazerem comida e sobre algumas ruas da cidade que ainda não têm asfalto.

Por fim, foi explicado sobre a fé das pessoas ser algo que ultrapassa gerações, tendo uma continuidade por outras, ou seja, a religião é algo que perdura ao longo dos anos, enquanto a vida das pessoas têm uma duração menor e os elementos criados para culto religioso, como por exemplo, as igrejas, são elementos modificados pelas necessidades daqueles que as frequentam, por isso são alterados com o passar dos anos.

Nesta atividade, foi possível perceber que as marcas deixadas nas paisagens pela passagem do tempo ou mesmo os modos de fazer de tempos atrás podem ser confundidos pelas crianças com a falta de recursos financeiros ou de zelo, o que demonstra um certo preconceito a ser desconstruído, reforçando a importância de se conhecer o passado do lugar, as mudanças e as permanências que se apresentam nas paisagens urbanas.

Portanto, como atividade final, foi pedido que o aluno fizesse dois desenhos sobre o que conversamos, sendo o primeiro com elementos que mesmo com algumas mudanças ainda existiam, desde o início da cidade (Imagen G) e outro com elementos que existiram por um período de tempo e depois foram substituídos ou não existem mais (Imagen H).

Imagen G – Desenho sobre elementos que foram substituídos ou que não existem mais



Fonte: Acervo da autora (2022)

Imagen H – Desenho sobre elementos que existem desde o início da cidade



Fonte: Acervo da autora (2022)

A terceira atividade, consistiu em apresentar a um aluno do terceiro ano do ensino fundamental algumas fotografias (Imagens I e J) sobre uma parte da cidade que até algumas décadas atrás era inundada pelas águas do rio e hoje não acontece mais isso.

Imagen I: Inundação de parte urbana causada pela proximidade com o rio



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=101646763329378&set=a.10144145001657>

6

Imagen J: Avenida Paraná (Anos 90 e 2010 aproximadamente)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=102452626582125&set=a.10144145001657>

6

Nesta atividade, foi dialogado sobre a origem da parte urbana do município e as proximidades com o rio. Na sequência, foram apresentadas as imagens I e J, ambas trecho de uma avenida da cidade localizada nas proximidades do rio. Com isso, iniciou-se uma conversa sobre as mudanças de um evento relacionado ao rio que aconteciam até um tempo atrás e hoje já não acontece mais: enchentes. Até pouco antes dos anos 2000, quando chovia muito, as águas do rio alagavam as casas da rua mais próxima, chegando até as proximidades da avenida. Atualmente, não há mais ocorrências destas enchentes, visto que o rio sofreu com assoreamento de seu leito, devido à retirada da mata ciliar no passado. Como não podemos afirmar se este foi o único fator que levou a diminuição dos alagamentos, conversamos também sobre outros fatores que poderiam ter influência, como por exemplo, diminuição da quantidade de chuvas, diminuição do volume de água na nascente do rio ou em outra parte do corpo hídrico, devido à intervenção humana ou não.

Então, tudo isso foi explicado ao aluno, a quem foi pedido que falasse o que tinha levado aquelas pessoas que haviam chegado à região a construírem suas primeiras moradias próximas ao rio. Ele logo comentou sobre a necessidade de se buscar água para beber. Na sequência, foi explicado que além do consumo humano para beber, a água era necessária para os demais afazeres domésticos, para a criação de animais e para o cuidado com as plantas que eles iriam cultivar. Na sequência, o aluno afirmou que já havia visto na televisão pessoas que utilizavam a água do rio para suas atividades domésticas. Também foi conversado sobre as enchentes que afetavam a cidade no passado e questionado se ele já tinha ouvido alguém comentar sobre isso, e ele relatou que não havia ouvido nada sobre isso, em relação à cidade, que tinha visto enchentes apenas na televisão, em outras localidades.

Em seguida, foi discutido sobre a vegetação que protegia o rio e que existia anteriormente na região onde hoje é a cidade, e que foi diminuindo com o passar dos anos para dar lugar ao que, posteriormente, viria a ser a parte urbana de Janiópolis-Pr. Quando questionado sobre a diminuição desta vegetação, ele logo contou sobre a utilização da madeira para construção de casas e também o uso da lenha para cozinhar, afirmando que, atualmente, algumas pessoas ainda utilizam a lenha para essa finalidade e que ainda existem algumas casas de madeira na cidade, e que ele próprio já havia residido em uma, feita deste material. Foi discutido então, sobre a importância da preservação das matas ciliares para conservação dos rios e também sobre como alguns hábitos humanos

mudaram como o uso dos fogões à lenha, o uso da água dos rios devido à escassez de recursos ou aparecimento de novos produtos com o passar do tempo.

Por fim, foi pedido ao aluno que citasse algo que havia lhe chamado atenção quanto ao que havia sido discutido sobre a história da cidade. Ele falou do fogão à lenha. Partindo disso, fomos para a nossa atividade de registro que foi um mapa mental composto pelo termo destacado pelo aluno (Imagem K). Os mapas mentais são

Uma estrutura esquemática para representar um conjunto de conceitos imersos numa rede de proposições. Ele é considerado como um estruturador do conhecimento, na medida em que permite mostrar como o conhecimento sobre determinado assunto está organizado na estrutura cognitiva de seu autor, que assim pode visualizar e analisar a sua profundidade e a extensão. Ele pode ser entendido como uma representação visual utilizada para partilhar significados, pois explicita como o autor entende as relações entre os conceitos enunciados (TAVARES, 2007, p.72).

Vale lembrar que para a produção de um mapa mental, o educando precisa ter uma interpretação da realidade conectada com os assuntos discutidos na escola, apresentando assim conexões entre diversos elementos, o que ajuda o professor a “reconhecer quais são as experiências, as interpretações, os avanços e os limites de cada aluno” (LOPES; RICHTER, 2013, p. 6).

Na construção desses mapas, os discentes poderão fazer um diálogo entre imagens, conceitos e palavras-chave, e principalmente com suas memórias e memórias de familiares, o que evidenciará tudo que se tornou significativo para eles, no tocante ao que aprenderam e as relações que estabeleceram entre os variados pontos (MASTRANTONIO; DUARTE, 2017, p. 23364).

Estas relações podem ser potencializadas com o auxílio das fotografias, pois nelas poderão visualizar alguns elementos que muitas vezes conhecem só de ouvir falar, e além disso, tais imagens possibilitam pensar o seu entorno como um meio histórico, com vestígios do passado e que sofreu a ação do tempo (TORRES NETO, 2018).

Na sequência temos o mapa mental produzido pelo aluno, que destacou elementos do que havia estudado.

Imagen K: Mapa mental produzido por um aluno



Fonte: Acervo da autora (2022)

Esta atividade propiciou ao aluno organizar conceitos e imagens, com ligações e relações estabelecidas por ele. Quando a atividade foi solicitada e o educando destacou o fogão à lenha, pedimos então que relacionasse o que havia aprendido sobre aquilo durante a conversa sobre as fotografias. O termo fogão à lenha foi escrito no centro da folha pela professora, visto que o aluno ainda não sabia escrever. Os desenhos relacionados a esta palavra mostram as ligações estabelecidas por ele, como por exemplo, entre a madeira, as árvores e a fumaça, presentes na discussão sobre as mudanças na paisagem urbana do município e a utilização destas na vida dos seres humanos, fatores que influenciaram mudanças e permanências na paisagem urbana e representam o impacto das ações humanas e da passagem do tempo nessas modificações.

Assim, com a experiência desta atividade, pudemos perceber que o desenho é uma forma muito eficiente tanto de fixação de conhecimento pelo aluno, quanto de avaliação pelo professor, visto que tanto os alunos que conseguem escrever, quanto os que não sabem, podem realizar a tarefa da mesma forma. O desenho também auxilia quando há uma dificuldade de impressão de imagens em quantidade para uma turma, além de estimular a atividade motora, criatividade, interpretação e ser muito mais atrativo do que a escrita.

Além disso, uma outra atividade pensada neste trabalho foi a produção de uma linha do tempo baseada em fotografias do município antigas e atuais ou com fotografias de sua família, com acontecimentos ou lugares, possibilitando o uso livre nas suas concepções de tempo. A linha do tempo pode ser criada individualmente e também pode ser feita em coletivo, pela qual os alunos podem interagir entre si e ir alocando fotografias

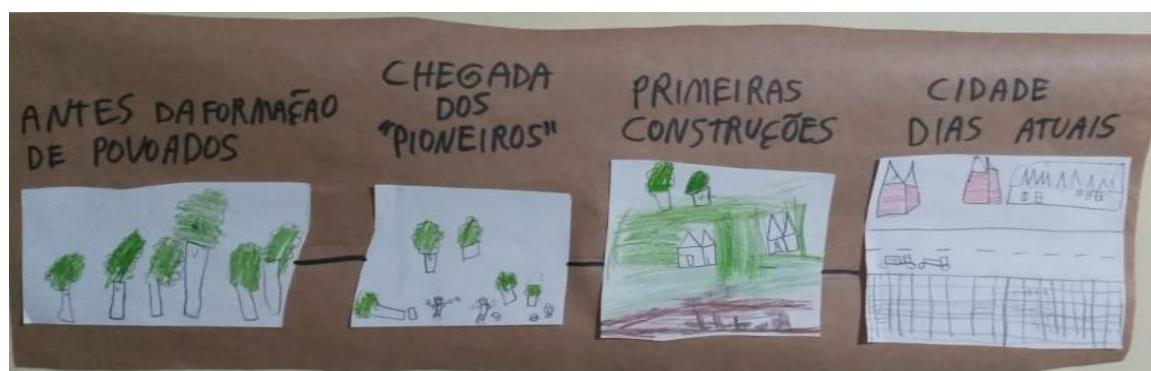
em uma linha do tempo exposta em cartaz ou no quadro da sala ou produzindo sua linha do tempo por meio de desenhos. A linha do tempo mostra-se como uma ferramenta de

grande potencial didático devido a sua flexibilidade e dinamismo, pois o docente pode criar a linha do tempo que achar mais apropriada para as suas aulas. Neste sentido, dá liberdade para que ele possa utilizar este recurso de forma adaptada ao roteiro de aula que preparou, sem a necessidade de ficar preso a materiais prontos e inflexíveis (TAVARES et al, 2019, p. 7).

Com esta atividade, buscamos mostrar ao aluno como as mudanças numa determinada localidade podem acontecer de forma rápida ou devagar, devendo sempre levar em consideração que leva um certo tempo para que a mesma ocorra. A atividade foi desenvolvida com um aluno do segundo ano do ensino fundamental, ao qual, primeiramente foram apresentadas as fotos antigas e atuais do município (apresentadas aqui anteriormente), e foi realizada uma explicação sobre a história do município, assim como, uma conversa sobre o que ele conhecia dos lugares apresentados nas fotos, sobre as principais transformações e também sobre o que permaneceu de alguma forma na paisagem urbana da cidade. Conversamos sobre as intenções que levaram pessoas de localidades distantes a virem para o território que hoje corresponde a cidade de Janiópolis – Pr, incluindo os antepassados de seus familiares.

Em seguida, pedimos como atividade de registro uma sequência de desenhos sobre quatro momentos: a paisagem antes da chegada dos pioneiros, a chegada dos pioneiros e suas atividades, as primeiras construções, e por fim, a cidade nos dias atuais. Após os desenhos prontos, pedimos para que os recortasse e os dispusesse num cartaz conforme a imagem L.

Imagen L: Linha do tempo produzida por um aluno



Fonte: Acervo da autora (2022)

Na sequência conversamos com o aluno sobre linhas do tempo, de forma simplificada, falando sobre ilustrar os acontecimentos numa sequência, mas lembrando

que nem sempre uma coisa acaba para dar sequência a outra, dando o exemplo das casas de madeira, material abundante no princípio, que foi aos poucos sendo substituído por cimento e concreto, mas coexistindo, mesmo que em menor quantidade que no passado. O aluno, inclusive deu o exemplo dos carros antigos, que mesmo vindo novos modelos, ainda circulam na cidade.

Em todas estas atividades, vemos a necessidade de sempre ouvir o que o aluno tem a dizer, visto que a oralidade é uma das primeiras expressões do aluno quanto ao que está aprendendo ou conhecendo, e expõe elementos que talvez não serão vistos numa atividade escrita, num desenho ou em qualquer outro registro que o professor solicite. É interessante notar também, que nem sempre o foco principal de uma aula ou de algum instrumento utilizado para a aprendizagem é o que mais chama atenção do aluno, visto que as interpretações e as relações que cada um faz daquilo que vê são influenciados por sua subjetividade. Outro ponto a se destacar, deve-se ao fato de as fotografias despertarem a imaginação dos alunos quanto ao passado e também os fazem pensar em coisas que já viram ou ouviram em seu cotidiano, levando-os até uma maior compreensão daquilo que está presente e próximo a ele, como por exemplo, uma rua, um comércio ou uma casa. Para que isso aconteça, é necessário que o professor questione seus alunos e também a fotografia utilizada, pois o documento não fala por si, devendo ser problematizado.

Por fim, acreditamos que a fotografia foi um elemento de grande valia para a aprendizagem dos alunos, uma vez que só com a aula expositiva, com explicação do professor, não teríamos possivelmente alcance de falas significativas dos e nem mesmo de tamanha interação, visto que, as fotografias levaram a visualizarem um pouco do que estava sendo discutido e as relacionarem com aquilo que viam na atualidade. Isso fez com que os educandos, além de conhecerem um pouco sobre a história da cidade em que vivem, percebessem também alguns processos de transformação e as influências humanas nas ações do tempo. Lembrando que o mais importante não é o aluno decorar a história da cidade em como era antes e depois, mas sim perceber que o tempo e outros fatores levam os lugares, os modos de vida e a paisagem a modificarem-se, o que não significa que essas mudanças levam tudo o que existiu no passado a desaparecer, todavia que elas passam a existir em menor grau ou adaptadas a novas realidades. Além disso, quando trabalhamos o entorno do aluno, ele passa a perceber-se enquanto sujeito histórico, visto que percebe o quanto da história o cerca, passando por seus ancestrais, por ele mesmo e pelas gerações futuras.

Outro destaque pertinente das experiências aqui obtidas, é que para se trabalhar as mudanças e permanências com crianças, não é preciso adentrar em assuntos teóricos e complexos. Todavia, o simples apontamento de detalhes visíveis, como por exemplo, um modo de cozinhar, carros antigos e novos, casas de madeira e casa de tijolos, tempo de vida das pessoas, dentre outros, já oferece uma reflexão sobre transformações, permanências e passagem do tempo. Destarte, isso é muito bom, pois torna-se significativo de alguma forma para o aluno, visto que ele consegue associar o que está estudando com aquilo que faz parte do que ele vê no cotidiano.

É importante ressaltar que a escolha de qual fotografia utilizar em sala de aula também é algo muito subjetivo, passando sempre pelo interesse de quem as escolhe. No caso das fotografias utilizadas neste trabalho, elas foram escolhidas para representarem uma sequência, previamente pensada, que começava com a chegada dos pioneiros ao município, até os dias atuais, ilustrando alguns pontos importantes das mudanças que aconteceram no ambiente que, hoje, é ocupado pela parte urbana da cidade, que também foi escolhida por ser a localidade com mais registros fotográficos encontrados.

Outrossim, por se tratarem de imagens retiradas da internet, algumas delas já estavam num enquadramento, como é o caso da imagem J, o que já sugeria de antemão uma ideia comparativa, que também foi explorada na sala de aula. Tudo isso nos mostra que, mesmo as intencionalidades de quem tirou a fotografia, de quem a postou ou de quem a escolheu para usá-la pode ser explorada em sala de aula para maior proveito do ensino, haja vista que toda escolha leva a uma interpretação diferente, o que gera novos pontos de vista, tanto dos alunos quanto dos professores.

2.3 O produto educacional

A “sala de aula como um espaço de investigação e reflexão acerca do conhecimento histórico é ainda uma prática que precisa ser expandida” (AVELAR, 2012, p. 95). Desta forma, buscamos produzir um produto educacional que ajude outros professores a promoverem esta prática com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, utilizando-se de fontes históricas. Essas atividades que compunha o material propositivo apresentado nos apêndices do texto tiveram como suporte as atividades citadas anteriormente.

Tal produto será formatado como um roteiro de ensino, com as atividades aqui descritas, o que pode ser apropriado, utilizado e adaptado por professores de diversas

localidades. A principal fonte a ser trabalhada com os alunos dentro deste roteiro, conforme indicamos até o momento, é a fotografia, elemento que nos dá “excelente oportunidade de contato com documentos históricos” (VASCONCELOS, 2012, p. 84), conforme elencado no tópico metodologia.

Neste produto, também fizemos uma seleção de fotografias do município de Janiópolis-Pr, que podem ser utilizadas por outros professores, assim como substituídas por fotos de outras cidades, conforme necessidade, visto que percebemos que no dia a dia, quando se busca alguma informação para se trabalhar sobre o município, no caso de Janiópolis – Pr, sempre há a busca por referências a blog, todavia poucas vezes foram vistas experiências que levassem as fotografias para que os alunos olhassem. Desta forma, a fotografia pode se tornar um elemento a mais no ensino, de modo a permitir que o aluno visualize um pouco do que se fala e também reflita sobre as mudanças e permanências que acontecem na cidade onde vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como nos demais tipos de texto que existem, a fotografia também passa uma mensagem, só que de maneira visual, a qual pode ser interpretada pelo leitor de diversas formas, o qual pode ser influenciado pelo que conhece e também pelo que não conhece. Isto posto, no caso de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, essa leitura deve ocorrer de forma dialogada com o que se está estudando em História, relacionando o conteúdo ao entendimento da passagem do tempo, tendo por base um lugar ou acontecimento da cidade.

Assim, é importante que o professor ao levar a fotografia para a sala de aula, tenha um tema definido para que a apresentação da imagem não se torne aleatória. É preciso que fique claro, que quando se fala de município, não está se falando só da cidade e que quando está se falando de cidade, esta não abrange a todo o município, mas apenas a parte urbana, e por isso, a definição de um determinado local para conversar sobre suas mudanças torna-se imprescindível. A fotografia deve ser problematizada e o aluno questionado e estimulado a pensar e falar sobre o assunto.

Ademais, como boa parte da história não está escrita, mas conhece-se só de ouvir falar, é importante sempre conversar com os educandos sobre as inúmeras possibilidades que acercam uma transformação ou permanência, a fim de que o ensino seja uma base de

reflexões sobre a história e não uma explanação sobre informações tidas como "absolutas", por isso os questionamentos são indispensáveis ao se trabalhar a história de uma localidade.

Neste trabalho, cada atividade foi desenvolvida em aproximadamente duas horas/aulas, tempo que foi suficiente para as conversas introdutórias, discussões sobre as fotografias e atividades de registro. Estas atividades de registro foram solicitadas, porque muitas vezes na escola, precisamos que conste algum registro das atividades dos alunos para que possa ser atribuída uma nota ou conceito, no entanto, este não é ponto mais importante, visto que tudo o que o aluno aprendeu, falou, questionou, dentre as demais formas de interação deve ser considerado na avaliação da criança.

Outrossim, o mais importante em tudo isso é que o aluno perceba que a História acontece também próximo a ele e com ele e não apenas nos livros didáticos que se referem a outros lugares e não mencionam a localidade onde vive. A História está a sua volta, a natureza, o ser humano (inclusive ele) e tudo mais que existe, também faz parte dela, sendo afetados pelo tempo e transformados de alguma forma, não sendo elementos estáticos em sua existência.

Além disso, ao fim desta dissertação, temos um apêndice com um material propositivo baseado nas experiências obtidas com este trabalho e que pode auxiliar outros professores no ensino de história. Este material contém uma parte introdutória, com autores que nos ajudam a pensar sobre o ensino de história, a aprendizagem dos alunos e o uso de fontes como a fotografia dentro deste processo. A segunda parte contém as atividades aqui desenvolvidas e estruturadas em forma de roteiro, com sugestões de fotografias para cada uma.

Portanto, sugerimos a leitura de toda a dissertação para uma utilização mais eficaz das atividades a serem reproduzidas, para que assim o professor analise usos de conceitos e de categorias centrais da pesquisa, bem como aos resultados das atividades desenvolvidas, as quais poderão contribuir para novos usos e apropriações.

Dessa forma, esse roteiro de atividades apresentado na sequência perpassa pela origem da parte urbana da cidade, estuda algumas das suas localidades e é concluído com a indicação de produção de uma linha do tempo, todavia nada impede que o professor que se inspire neste material, o utilize de forma alternada, com outros temas, outras séries e outras atividades de registro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS**, v. 3, p. 9-30, 2011.
- AVELAR, A. S. **Os desafios do ensino de História**: problemas, teorias e métodos. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **VARIA HISTÓRIA**, v. 22, n. 36, p. 460-475, 2006.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3^a. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 01.
- CAROLA, C. R. Meio Ambiente. In: Carla Bassanezi Pinsky (org.). **Novos temas nas aulas de história**. 1ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2010, p. 173-200.
- CAVALCANTI, L. S. **Ensino de Geografia na Escola**. (Livro eletrônico). Campinas – SP: Papirus, 2015.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia escolar e a cidade**: Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. (Livro eletrônico). Campinas – SP: Papirus, 2015.
- CERRI, L. F. Cartografias Temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. **Educação e Realidade**, v. 36, p. 59-81, 2011.
- CERRI, L. F. Cidade e identidade: região e ensino de História. In: ALEGRO, R.C.; MOLINA, A. H.; CUNHA, M. F.; SILVA, L. H. O. (Org.). **Temas e questões para o ensino de História do Paraná**. 2ed. Londrina: Editora da UEL, 2013, v. 1, p. 27-42.
- CERTEAU, M.: **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CEZARINHO, F. A. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. **TEMPORALIDADES**, v. 10, p. 320-338, 2018.
- CUNHA, B. O. **Jogo urbano**: história local no ensino de História. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.
- DANGUI, J. História de Janiópolis. **Janiópolis Querido Rincão**. Janiópolis, 18 de Julho de 2008. Disponível em: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>. Acesso em: 20/02/2022.
- DANGUI, J. **Janiópolis Querido Rincão**. Janiópolis, 2022. Usuário do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/janiopolis.queridorincao.9>. Acesso em: 22 de Agosto de 2022.
- DRUMMOND, J. A. L. **História Ambiental**: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa. **ESTUDOS HISTÓRICOS (RIO DE JANEIRO)**, Rio de Janeiro, v. IV, n.8, p. 177-197, 1991.
- FARIAS, M. S. F. **Design Thinking na elaboração de um produto educacional**: roteiro de aprendizagem – estruturação e orientações. Dissertação (Mestrado profissional em

Ensino Tecnológico). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2019.

FERMIANO, M. A. B.; SANTOS, A. S.; **Ensino de história para o fundamental I: teoria e prática.** 1^a. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

FREIRE, L. R. **A paisagem no ensino de Geografia:** reflexões a partir da abordagem de professores e livros didáticos de ensino médio. 2018. 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2018.

GOMES, V. Colonização do Norte do Paraná: um olhar na perspectiva da administração e do meio ambiente. **Sociedade e Território**, Natal, v. 27, n° 1, p. 87-100 jan/jun. 2015.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARTOG, F. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História**, n. 148, 2003, p. 9-34.

Instituto Água e Terra (IAT). Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Dados-geoespaciais-de-referencia>. Acesso em: 21 ago. 2022.

KOSSOY, B. **Fotografia e História.** 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KRUL, G. G. M.; KOBELINSKI, M. A percepção da natureza na colônia Santa Bárbara - PR (1927). In: LARISSA, Lidiana; KOBELINSK, Michel. (Org.). **Reflexões sobre história.** 1^aed. Petrópolis: Tereart, 2013, v. 1, p. 19-38.

LEFF, E. Construindo a História Ambiental na América Latina. **ESBOÇOS** – Revista do Programa de Pós Graduação em História da UFSC. Florianópolis: Gráfica Universitária, n° 13, 2005.

LOPES, A. R. C.; RICHTER, D. A construção de mapas mentais e o ensino de Geografia: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares. **Revista Territorium Terram**, v. 2, p. 2-12, 2013.

MACEDO, H. A. M. De como se constrói uma História Local: aspectos da produção e da utilização no Ensino de História. In: ALVEAL, C. M. O; FAGUNDES J. E; ROCHA, R. N. A. (Org.). **Reflexões sobre História Local e Produção de Material Didático** (recurso eletrônico). Natal: EDUFRN, 2017, p. 57-81.

MASTRANTONIO, T. M.; DUARTE, G. D. Uma proposta de utilização de mapas conceituais no processo de ensino e de aprendizagem de história no sétimo ano do ensino fundamental. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO** - EDUCERE, 13., 2017, Curitiba. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 13. Curitiba: PUC-PR, 2017. v. 1. p. 23361-23369.

MAUAD, A. M. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **Hist. Educ.** (online), v. 19, n° 47, p. 81 a 108. Porto Alegre, Set/Dez 2015.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MICELI, P.; Uma Pedagogia da História? In: PINSKY, J. (Org.). **O ensino de história e a criação do fato** - edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 37-53.

OLIVINDO, M. S. P. Ensino de história e memória: usos do passado e os desafios do professor e do historiador. **XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**. 2017.

PÁDUA, J. A. As Bases Teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, p. 81-101, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Curitiba, PR: SEED/PR, 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.

PIRES, M. M. **Imagens e mediações simbólicas no ensino de geografia**: a fotografia na aprendizagem da paisagem urbana. 2020. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.

PONS, A. (2017). Archivos y documentos en la era digital. **Historia y comunicación social** 22.2, 283-292.

REZNIK, L. História local: pesquisa, ensino e narrativa. In: **I Encontro de História do Vale do Paraíba Fluminense**, 2008, Vassouras - RJ. I Encontro de História do Vale do Paraíba Fluminense - Relatório de Atividades. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cidade Viva/ Instituto Cultural Light, 2008. p. 49-53.

SANTOS, M. B. A. Memória e o Ensino de História. In: **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, São Cristovão, SE, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HU-CITEC, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 2^a reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEFFNER, F. De fontes e mananciais para o ensino de História. In: Rogério Rosa Rodrigues. (Org.). **Possibilidades de Pesquisa em História**. São Paulo: Editora Contexto, 2017, v. 1, p. 243-263.

SILVA, M. **História: que ensino é esse?** Livro Eletrônico. Campinas -SP: Papirus Editora, 2016.

SILVA, I. F. F.; SANTOS, F.K.S.; SILVA, L. L.; CANEJO, V. P. **A fotografia como recurso mediático no ensino de geografia: a paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências.** In: XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2017, Belo Horizonte-MG. XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia IGC Belo Horizonte 2017 Conhecimentos da Geografia: Percursos de Formação Docente e práticas na Educação Básica, 2017. p. 01 a 14).

SOUZA, F. C. S. História e meio ambiente: um diálogo possível e necessário. **Perspectiva** (Erexim), v. 39, p. 123-132, 2015.

SOUZA, R. M. Analisando o Conceito de Paisagem: Fotografias e Vivências no Ensino de Geografia. 2018. **XIX Encontro Nacional de Geógrafos**, João Pessoa – PB, 2018.

TAVARES, R. Aprendizagem significativa. **Revista Conceitos**, v.5, n.10, p.55-60, jun. 2004.

TAVARES, L. A.; MALDONADO, L. L. ; ALMEIDA, L. S. ; PEREIRA, T. M. ; AMARAL, S. F. . Linha do tempo interativa no ensino de história. **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 8, p. 19, 2019.

TORRES NETO, D. P. **Cidade, história e memória:** Educação Patrimonial em São Bento do Una – PE. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado Profissional em Ensino de História. Novembro, 2018.

VASCONCELOS, J. A. **Metodologia do Ensino de História.** Curitiba, InterSaber, 2012.

WITTER, J. S. Arquivos e ensino de história para crianças. In: Marcos Silva (Org.). **História: que ensino é esse?** Livro Eletrônico. Campinas -SP: Papirus Editora, 2016, p. 31-36.

ZARBATO, J. A. M. Educação patrimonial e aprendizagem histórica: percursos epistemológicos na história ensinada. **História & Ensino**, v. 23, p. 31-55, 2017.

ZUCCHI, B. B. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** teoria, conceitos e uso de fontes. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

APÊNDICE



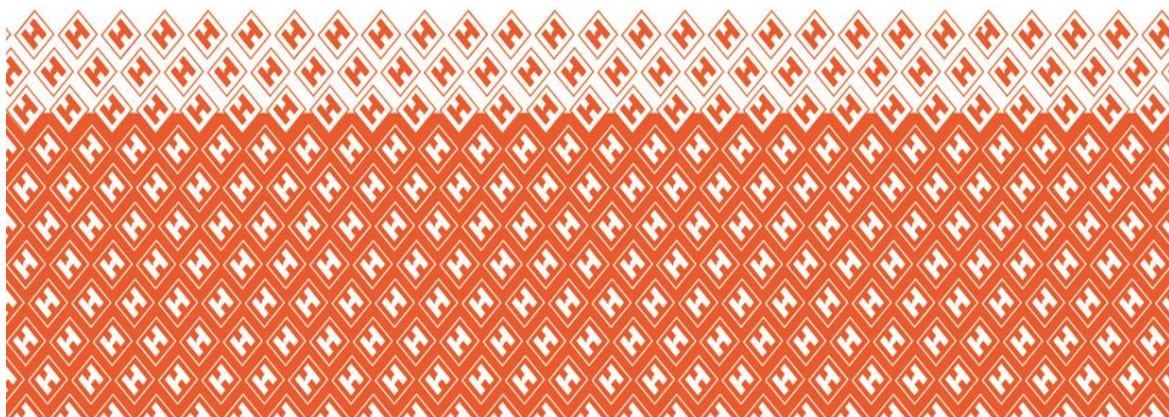
SOLIMARA APARECIDA TERTULIANO

Produto Educacional

ROTEIRO DE ATIVIDADES PARA ENSINO DE HISTÓRIA – ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Outubro/2022



PRODUTO EDUCACIONAL

SOLIMARA APARECIDA TERTULIANO

ROTEIRO DE ATIVIDADES PARA ENSINO DE HISTÓRIA – ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Orientador: Dr. Jorge Pagliarini Junior

Campo Mourão - PR

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	63
Referencial teórico, metodologias e abordagem temática	64
Atividade 1.....	69
Atividade 2.....	72
Atividade 3.....	75
Atividade 4.....	77
Outras sugestões de imagens do município de Janiópolis.....	79
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

Este Roteiro de Atividades é o produto educacional resultante da pesquisa intitulada “Ensino de História e fotografia: uma proposta de estudo das transformações urbanas para os anos iniciais” do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão.

Este material traz algumas propostas de atividades voltadas para o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental. Apresentamos também, um breve referencial teórico sobre ensino de história nos anos iniciais, e suas ligações com a fotografia, temporalidades e paisagens, com o intuito de aproximar a realidade dos alunos ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Essas informações podem auxiliar o professor em seu trabalho, visto que muitas vezes, sofremos com a escassez de materiais abordam a história de forma aproximada do entorno dos alunos. Apesar de tudo isso, reforçamos sempre a importância do docente buscar sempre novas leituras e materiais para agregarem em suas práticas, novas atualizações.

As atividades contidas neste Caderno foram pensadas para alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e nele trazemos algumas fotografias sobre a cidade de Janiópolis – PR, no entanto, podem ser adaptadas a outras cidades e turmas de alunos conforme a necessidade do professor. Neste material trazemos algumas fotografias sobre o município de Janiópolis, que poderão ser substituídas por professores de outras localidades por imagens de seus respectivos municípios.

As adaptações escolhidas pelo professor devem ser pensadas sempre de modo a trazer reflexões aos alunos, de modo que eles percebam que tudo a sua volta tem história e que ele também é parte desta história.

Autores: Solimara Aparecida Tertuliano

Jorge Pagliarini Junior

REFERENCIAL TEÓRICO, METODOLOGIAS E ABORDAGEM TEMÁTICA

Hodiernamente, a História, como ensino escolar, “é vista, por boa parte dos professores, como oportunidade para desenvolver o senso crítico dos alunos em relação ao passado e a realidade que os cerca” (ZUCCHI, 212, p. 54). Com tal intuito, o professor de História pode utilizar com seus alunos diversos recursos para análise e obtenção de informações, tais como “fotografias, imagens, filmes, poemas, etc.” (ZUCCHI, 212, p. 54), inclusive o próprio livro didático dos anos iniciais ou de outras séries pode ser utilizado como fonte, lembrando sempre que a introdução de diferentes fontes é de grande importância para ampliação do repertório e das formas de olhar do aluno, pois “nada mais enriquecedor do que propormos que usufruam das diferentes possibilidades apontadas pela teoria da História para tornar essa disciplina mais acessível, interessante e produtiva para as crianças em sala de aula” (ZUCCHI, 2012, p. 55).

Quanto a isto, Zucchi (212, p. 56) destaca que “não é possível ensinar História para qualquer faixa etária de alunos como um saber estático, acabado e como verdade única”, além de que a diversidade de postos de vista e de documentos para embasamento sobre um mesmo assunto torna o ensino de História muito mais atraente e assimilativo pelos alunos, isto porque a aprendizagem de História nos primeiros anos de escolarização deve ser significativa para os alunos.

Em consonância com essa ideia, Fermiano e Santos (2012) ressaltam que, é durante os primeiros anos do Ensino Fundamental que os alunos começam, aos poucos, e por meio de um longo processo, a perceberem a si e os outros como sujeitos históricos. Assim, para que isso aconteça, é preciso que haja estímulos e situações desafiadoras, para que os alunos possam interagir com as informações que os rodeiam, pois, para estes autores, é possível levar os alunos a terem um pensamento crítico mesmo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, “o estímulo a investigação histórica deve ser, portanto, uma prática permanente desde os primeiros anos do ensino fundamental” (AVELAR, 2012, p. 95).

Ainda sobre a aprendizagem de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Zucchi (2012) ressalta que estudar a realidade regional faz com que a aprendizagem histórica comece a ganhar espaço, já que desperta o interesse e a curiosidade das crianças para conhecer as histórias sobre aquilo que está próximo de si, e posteriormente, o que está longe também.

Outro ponto importante destacado por Zucchi (2012, p. 64) relacionado à aprendizagem histórica de crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é a interação com os objetos de estudos, fontes e discussão entre os colegas, uma vez que “a interação social propiciada pela escola é um momento importante desse processo, visto que possibilita às crianças a aprimorarem sua capacidade de abstração”.

Isto é evidenciado também no Referencial Curricular do Paraná (2018), documento que orienta as práticas pedagógicas de nosso estado. Este documento expõe que é necessário que a formação da consciência histórica desde os anos iniciais, desse modo, “no contexto das etapas que contemplam a infância, é preciso valorizar os saberes da criança e dos jovens e adolescentes, promovendo acolhidas e adaptações a partir de sua inserção nos diferentes espaços (local, regional e mundial)” (PARANÁ, 2018, p. 449). É destacado também a importância da utilização de fontes históricas no ensino de História, sendo essas consideradas “evidências que auxiliam na compreensão de um passado específico, a partir das problematizações, análises e confrontos entre as mesmas, de modo que apontem suas relações com o presente e a possibilidade de articulação com expectativas de futuro” (PARANÁ, 2018, p. 450).

A principal fonte histórica abordada neste trabalho é a fotografia, que no tocante ao ensino de História, pode ser um elemento atrativo tanto para professores quanto para os alunos. Neste viés, Torres Neto (2018) destaca que é de fácil acesso para ambos, dado que a mesma está na televisão, internet, redes sociais, além de poder ser produzida pelos alunos, em sua maioria portadores de aparelhos celulares que captam momentos em situações diversas. Neste sentido, o autor aponta que a fotografia e sua produção podem levar “a compreensão da construção de inúmeras memórias que uma pessoa, grupo, lugar, objeto podem ter” (TORRES NETO, 2018, p. 78).

Ademais, Torres Neto (2018) ainda ressalta que o acesso a estas memórias auxilia os sujeitos na percepção do processo de “existir e desaparecer” de lugares e práticas, colaborando para a percepção de si mesmos enquanto sujeitos históricos e para a construção da consciência histórica, que pode ser entendida como

uma estrutura inerente ao pensamento e a ação humanas, ainda que varie em sua forma e conteúdo. Ela é reconhecível, em toda essa diversidade, porque as pessoas se relacionam com o tempo, produzem narrativas que lhes dão sentido e utilizam esse sentido para escolher suas ações (que incluem não agir ou considerar que não podem agir de modo distinto do usual) mirando o futuro que desejam, ou ao qual julgam que devam se submeter (CERRI, 2011, p. 61).

Outrossim, Mauad (2015, p. 84) enfatiza que a utilização da fotografia no ensino de história torna o ensino muito mais significativo para o aluno, visto que:

A compreensão de imagens requer um aprendizado cultural que, no limite, permite reconhecer em uma fotografia não a realidade em si mesma, mas a sua (re)apresentação. Tal operação, por mais simples que pareça, implicará num exercício de ver e reconhecer o que se vê por meio de operações conceituais: uma imagem bidimensional onde apareço, soprando as velinhas dos meus cinco anos é denominada fotografia. Tal aprendizado se processa num ambiente cultural historicamente determinado, seguindo regras de codificação definidas segundo as práticas sociais de produção de sentido.

Vale frisar que por meio da fotografia, são retratados pessoas, lugares, eventos, que juntos formam uma determinada paisagem. As paisagens podem ser entendidas como “expressões técnicas, funcionais e estéticas da sociedade. São também dinâmicas e históricas já que se trata de expressões de movimentos da sociedade” (CAVALCANTI, 2015, p. 52), no entanto, é muitas vezes relacionada pelos alunos a um lugar bonito e intocado pela ação humana. Neste sentido, é preciso lembrar sempre que a paisagem apresenta produtos sociais, dentre eles sentimentos, convicções e valores, expressados por meio de uma forma, que é a paisagem (CAVALCANTI, 2015, p. 53). Além disso, existe o fato cada indivíduo percebe a paisagem de uma forma singular, sendo que,

(...) a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (SANTOS, 1988, p. 21).

Perante o exposto, o professor tem papel de extrema importância, pois tem como desafio “possibilitar ao aluno condições para que os mesmos construam e reconstruam seu conhecimento sobre o espaço geográfico, estabelecendo relações entre o conhecimento produzido na escola e a vida cotidiana” (FREIRE, 2018, p. 12) apesar das várias interpretações e preconceitos que o aluno traz consigo para a sala de aula. Ao encontro disto, Silva et al (2017, p. 13) aponta que quando o professor adota “como possibilidade mediática a linguagem fotográfica estará contribuindo para a construção de aprendizagens significativas e estas aliadas aos conceitos geográficos beneficiará sua ação, o seu saber-fazer”.

O estudo dos inúmeros vestígios que podem estar presentes nas paisagens pode contribuir para a construção da consciência histórica dos indivíduos, mostrando o ser humano como agente participante da história, principalmente nos trabalhos com a história local (TORRES NETO, 2018). Então, falamos aqui de uma história local entendida como “uma abordagem que privilegia um recorte espacial microlocalizado, mas que não perde seus nexos com outros tempos e espaços” (MACEDO, 2017, p. 63), algo que segundo Cerri (2013, p. 37) precisa ir além de referenciais físicos nas cidades, uma vez que “o local não está no espaço e sim na experiência dos indivíduos”.

Ainda, quando relacionada ao estudo da paisagem, a fotografia “mostra além de uma mera explicação, por meio dela podemos apreender a cultura e as relações que os sujeitos estabelecem com a paisagem no dia a dia, repleta de sentimentos e simbologias” (SOUZA, 2018, p. 1). Segundo Silva *et al* (2017, p. 12), a fotografia pode levar o aluno a compreender o dinamismo que existe dentro da paisagem, pois possibilita “que os alunos tenham uma maior compreensão das modificações que ocorrem no espaço geográfico, levando a entenderem as mudanças observadas no decorrer do tempo”, estimulando assim diálogos e exposição de posicionamentos e opiniões sobre o assunto.

Além das mudanças ocorridas nas paisagens, é possível também trabalhar sobre temporalidades a partir das fotografias, visto que o tempo histórico é um dos elementos a serem trabalhados dentro do ensino de história. Neste trabalho também optamos por trabalhar com as transformações e permanências da paisagem local.

Além disso, segundo Schmidt e Cainelli (2004), no trabalho com temporalidades em sala de aula é importante levar os alunos a notarem que existe uma simultaneidade nos fatos que acontecem. No trabalho

com alunos das séries iniciais, por exemplo, atividades de observação de dois objetos iguais, de épocas diferentes, podem ser úteis para desenvolver essas noções. Outras atividades, como trabalho com imagens (fotos e gravuras de época), ordenação de fatos da vida cotidiana e narração de histórias contadas por alguém, também podem ajudar esses alunos a se situarem em tempos mais distantes daquele de sua experiência pessoal e a localizarem os fatos históricos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 78).

Dessa forma, tais fontes podem ser utilizadas dentro de sala de aula e associadas a fatos do cotidiano e da localidade dos alunos para levá-los a compreensão de como as mudanças que os rodeiam são marcadas por temporalidades, mas sempre é bom ter cautela, lembrar que “uma foto, é **sempre** produzida com determinada intenção, existem objetivos e há arbitrariedade na captação das imagens” (BITTENCOURT, 2009, p 367),

ou seja, sempre que existe um fotógrafo por trás da foto, que direcionou seu olhar, com sua intencionalidade para aquilo que fotografou.

Uma última aproximação, das diferentes abordagens da transformação da natureza, especificamente naquilo referente a concepções teóricos que norteiam a relação entre sociedade e natureza.

Logo, a justificativa da abordagem deve, primeiramente, ao significado dos estudos sobre a natureza, sejam eles relacionados a práticas de sustentabilidade, ao desenvolvimento econômico e sua relação com matérias primas, processo de urbanização ou mesmo a relação não dicotômica entre campo e cidade. Podemos mencionar para o momento, o fato de o meio ambiente ser entendido pela sua potencialidade de equilibrar as leituras temporais, nem tanto ao futuro, o regime moderno para Hartog (2013), uma vez que o futuro também significa destruição de recursos naturais, nem tanto ao passado, uma vez que se dele percebermos avanços, igualmente demonstra que seria anacrônico se falar em desenvolvimento sustentável antes da última década do século passado. E ainda, nem tanto a um presente marcado pelo presentismo, desconectado do passado e do futuro, pois a relação com a natureza pode, sim, significar uma tentativa significativa de revisão do passado e de preocupação com o futuro a partir das identidades do presente, entre elas, aquela marcada pela sustentabilidade.

Esses discursos ambientais podem ser aqui resumidos nas matrizes: ecológica, desenvolvimentista e socioambiental. (QUINTSLER, 2009; LEFF, 2005). Elas podem ser percebidas no estudo do passado e do presente, e mesmo nas expectativas de futuro, de Janiópolis, podendo o professor tratar das suas coexistências no cotidiano estudado.

Na sequência, temos a proposição de um roteiro com atividades, formuladas a partir de nossas experiências, da leitura dos autores aqui citados e de outros que também contribuíram para a discussão e que estão citados no corpo da dissertação que originou este produto. Após as atividades, selecionamos um conjunto de imagens do município de Janiópolis (área urbana) que podem ser utilizadas para o trabalho com alunos do município de Janiópolis. Portanto, sugere-se a leitura dos capítulos anteriores para um melhor entendimento dos usos de conceitos, temas e metodologias apresentados na sequência.

ATIVIDADE 1

Objetivo: Estudar as origens da parte urbana do município.

Específicos:

- Problematizar as transformações da paisagem percebidas a partir de uma abordagem diacrônica, atenta a permanências e rupturas;
- Tratar da intencionalidade da produção fotográfica e das possibilidades de sua utilização como fonte histórica.

Quantidade de aulas:

Sugestão de duas aulas.

Conceitos e/ou categorias;

Documento; paisagem; campo e cidade; urbanização; progresso; matrizes ambientais; temporalidades; durações.

Sujeitos, saberes e práticas:

A contribuição dos sujeitos na construção da cidade; instituições envolvidas na construção da cidade.

Materiais: Fotografias antigas e atuais da cidade relacionadas à sua origem. Na sequência temos algumas sugestões voltadas para a cidade de Janiópolis.

Sugestão de atividade:

Passo 1: Conversa com os alunos sobre fotografia, intencionalidades do fotógrafo e sobre o que o aluno conhece sobre o passado da cidade. O que, supostamente, a fotografia buscava retratar e o que ela nos demonstra atualmente?

Passo 2: Apresentar as fotografias para os alunos, por meio de projeções ou impressões, questionando-os sobre o que conhecem sobre o local e sobre o que sabem sobre o passado daquele local.

Passo 3: Expor alguns fatos ainda desconhecidos pelo aluno sobre a origem da cidade, discutir sobre os fatores que levaram ao surgimento das primeiras moradias naquela localidade.

Passo 4: Conversar com os alunos sobre quais as principais mudanças e permanências percebidas no comparativo entre as fotos antigas e atuais, e sobre o que levou algumas coisas a mudarem e outras a permanecem.

Passo 5: Solicitar aos alunos uma atividade de registro, sendo esta uma atividade escrita sobre elementos que duravam desde a época da primeira foto até os dias atuais

e elementos que haviam durado pouco tempo e que hoje já não existem ou existem em menor quantidade.

Outra possibilidade, mais específica, a de se utilizar adesivos de cores diferentes para serem colados sobre elementos retratados na fotografia, por exemplo, vermelho, verde e amarelo, para indicar diferentes durações percebidas nas imagens- (Exemplo: cor verde para um “tempo antigo”, para os elementos naturais como as árvores; amarelo para elementos artificiais que estavam presentes na fotografia antiga, como as casas de madeira e roupas das pessoas retratadas; e vermelho para elencar elementos que foram produzidos recentemente, portanto, ausentes na fotografia antiga e presentes na fotografia atual (carros, energia elétrica, etc.). O professor poderá criar uma legenda junto com alunos para as três cores, e ainda, estabelecer temporalidades, do tipo “elementos que estavam aqui antes da construção da cidade”; “elementos da época de meus avós e/ou época de meus pais”; “elementos da minha época”, e na sequência, comparar os resultados.

Imagen A – Primeira farmácia do município (Década de 70)



Fonte: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>

Imagen B – Avenida Paraná (2017)



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=856742271153153&set=a.101464513347603>

ATIVIDADE 2

Objetivo: Analisar as transformações na paisagem e suas mudanças e permanências, com ênfase nos costumes da população.

Objetivos específicos:

Trabalhar a capacidade de produção de representação do aluno;

Exercitar o trabalho de análise comparada;

Analizar exemplos de ruturas e permanências.

Quantidade de aulas:

Sugestão de duas aulas.

Conceitos e/ou categorias:

Documento; cultura; durações; paisagem; meio ambiente.

Sujeitos, saberes e práticas:

Atividades de múltiplas dimensões que são ou eram praticadas no município.

Materiais: Fotografias antigas e atuais da cidade, com transformações nítidas de elementos materiais e de modos de fazer.

Sugestão de atividade:

Passo 1: Apresentar ao aluno imagens antigas e atuais de um mesmo lugar e perguntar se eles reconhecem algum daqueles lugares.

Passo 2: Conversar com os alunos sobre o porquê daquele local ter sido construído e o porquê de haver mudanças entre a construção antiga e a atual, assim como o seu entorno.

Passo 3: Conversar com o aluno sobre as permanências, seja no modo de fazer ou de agir, relacionado à imagem.

Passo 4: Solicitar aos alunos uma atividade de registro, sendo esta, dois desenhos. O primeiro com elementos que ainda existem na cidade desde o seu início, e outro com elementos que existiram por um período de tempo e depois foram substituídos ou não existem mais.

Além disso, para realizar esta atividade, os alunos também poderão trazer para sala de aula fotografias que retratem a paisagem da cidade. Esta atividade pode contar com uma lista de perguntas preparadas pelo professor, voltadas para a explicação dos pais sobre os lugares retratados e as práticas (de trabalho, lazer, religiosidade, etc.) que eram realizadas nestes locais.

Imagen C: Construção da primeira igreja católica (década de 1960)



Fonte: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>

Imagen D: Igreja católica (anos 2000)



Fonte: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>

Imagen E: Igreja católica (dias atuais)



Fonte: <https://www.facebook.com/janiopolis.queridorincao.9>

ATIVIDADE 3

Objetivo: Conversar sobre mudanças de eventos naturais que afetavam a área urbana no passado e que, atualmente, ocorrem com menor frequência ou deixaram de acontecer.

Objetivos específicos:

Analisar os impactos da transformação do espaço natural em espaço artificial;

Analisar as consequências do processo de urbanização local;

Discutir a respeito das práticas rurais, ainda presentes no espaço urbano.

Quantidade de aulas:

Sugestão de duas aulas.

Conceitos e/ou categorias:

Noção de escala; documento; sociedade e natureza; desenvolvimento sustentável; campo e cidade.

Sujeitos, saberes e práticas:

As relações de trabalho e as relações culturais presentes nas histórias da cidade; transformações do espaço urbano; práticas sustentáveis; o trabalho da administração municipal.

Materiais: Fotografias antigas e atuais da cidade, retratando eventos naturais.

Sugestão de atividade:

Passo 1: Apresentar ao aluno imagens antigas e atuais de um mesmo lugar ou lugares próximos, com incidência de algum evento catastrófico e perguntar se os alunos conhecem algo sobre esse evento ou sobre outros do tipo, que afetaram a parte urbana do município.

Passo 2: Conversar com os alunos sobre os diversos fatores que podem levar aquele evento a acontecer e também sobre seu impacto na parte urbana do município.

Passo 3: Conversar com os alunos sobre o porquê daquele evento ter diminuído ou se manifestar de outra forma, lembrando sempre da ação do ser humano que também pode ser considerada parte do meio ambiente.

Passo 4: Solicitar aos alunos uma atividade de registro, sendo esta, um mapa mental por meio do qual o aluno estabelecerá relações sobre algum dos pontos discutidos na aula que tenham despertado a sua atenção. Para esta atividade o aluno pode colocar no centro do mapa uma palavra ou um desenho, assim como as ligações podem ocorrem das mesmas formas.

Outra possibilidade, caso os locais retratados sejam percorridos cotidianamente pelos alunos, solicitar a eles que desenhem mapas mentais de determinados temas representando assim o caminho que eles percorrem ao passarem por estes lugares. Os temas podem ser os mais diversos possíveis, como cheiros; sabores; cores; etc.

Imagen F: Inundação de parte urbana causada pela proximidade com o rio.

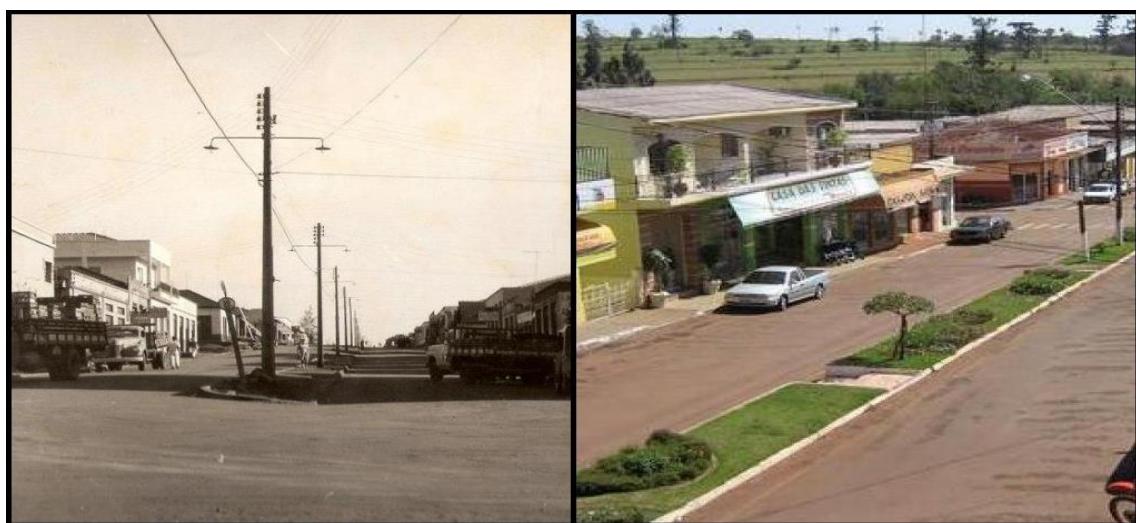


Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=101646763329378&set=a.10144145001657>

6

Imagen G: Avenida Paraná (Anos 90 e 2010 aproximadamente)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=102452626582125&set=a.101441450016576>

ATIVIDADE 4

Objetivo: Conversar sobre como as mudanças numa determinada localidade podem acontecer de forma rápida ou lenta, devendo sempre se levar em consideração o tempo para que uma mudança ocorra.

Objetivos específicos:

Trabalhar as noções de ruptura e de permanências;

Construir categorias para analisar o processo de urbanização;

Problematizar problemas decorrentes da falta de planejamento ambiental adequando pelos municípios.

Problematizar o conceito de memória a partir dos documentos selecionados e apresentados em forma de linha de tempo.

Quantidade de aulas:

Sugestão de duas aulas.

Conceitos e/ou categorias:

Memória; identidade; linearidade, ruptura e permanência.

Sujeitos, saberes e práticas:

A relação entre a história familiar, história do município e a história individual do aluno.

Materiais: Fotografias antigas e atuais da cidade, que podem ser do mesmo lugar ou de locais diversos. Nesta atividade, todas as fotografias anteriores podem ser utilizadas, assim como outras da preferência do professor.

Sugestão de atividade:

Passo 1: Apresentar ao aluno imagens antigas e atuais de um mesmo lugar ou lugares diversos, conversando sobre as fotografias mais antigas e sobre as mais recentes.

Passo 2: Conversar com os alunos sobre os diversos fatores que podem levar a mudanças na parte urbana do município e sobre o tempo que os alunos imaginam que as respectivas mudanças levaram para ocorrerem.

Passo 3: Solicitar aos alunos uma atividade de registro, sendo esta, uma linha do tempo passando por acontecimentos ou lugares mais antigos até os mais atuais, podendo ela ser constituída por meio de fotografias ou por desenhos produzidos por eles de forma individual ou em grupo.

Para o desenvolvimento dessa atividade o aluno poderá, novamente, recorrer a fotografias e outros suportes narrativos e de memória disponíveis nas suas cassas, como

cartas e documentos pessoais. A linha do tempo poderá ser representada em cartolinhas e contar com estes documentos além de outros documentos, eventualmente, levados para sala de aula pelo professor, como fragmentos da Lei Orgânica Municipal, imagens da internet, fragmentos de periódicos, cartazes de festas municipais, etc.

OUTRAS SUGESTÕES DE IMAGENS DO MUNICÍPIO DE JANIÓPOLIS

IMAGEM H: Antigo hospital do município, construído na década de 60.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=811340329026681&set=pb.100004521633668.-2207520000>

IMAGEM I: Avenida Paraná (antes dos anos 2000)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=101486466678741&set=a.101441450016576>

IMAGEM J: Vista da parte urbana de Janiópolis em 1965



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=681427318684650&set=pb.100004521633668.-2207520000>

IMAGEM K: Casinha feliz (anos 2000)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1622170617943644&set=pb.100004521633668.-2207520000..&type=3>

IMAGEM L: Centro municipal de educação infantil atual.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=683092111851504&set=pb.100004521633668.-2207520000>

IMAGEM M: Pioneiro na comunidade do Riozinho (Década de 1950).



Fonte:

<https://www.facebook.com/janiopolis.queridorincao.9/posts/pfbid0c3gCckrbKhSxCpSJzSuGenZaps2xth9Qv4ADVXJGLXAHZWBWjzRcunf8nSVCEgTml>

IMAGEM N: Recape asfáltico (Anos 2020)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1413291052164936&set=pcb.1413306125496762>

IMAGEM O: Recape asfáltico (anos 2000)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1279136618913714&set=pb.100004521633668.-2207520000.&type=3>

IMAGEM P: Transporte de fardos de algodão (provavelmente década de 90)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=600061916821191&set=pb.100004521633668.-2207520000>.

IMAGEM Q: Transporte de fardos de madeira (provavelmente anterior à década de 90)



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=2169739989853368&set=ecnf.100004521633668>

REFERÊNCIAS

- AVELAR, A. S. **Os desafios do ensino de História:** problemas, teorias e métodos. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. 3^a. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 01.
- CAVALCANTI, L. S. **Ensino de Geografia na Escola.** (Livro eletrônico). Campinas – SP: Papirus, 2015.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia escolar e a cidade:** Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. (Livro eletrônico). Campinas – SP: Papirus, 2015.
- CERRI, L. F. Cartografias Temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. **Educação e Realidade**, v. 36, p. 59-81, 2011.
- CERRI, L. F. Cidade e identidade: região e ensino de História. In: ALEGRO, R.C.; MOLINA, A. H.; CUNHA, M. F.; SILVA, L. H. O. (Org.). **Temas e questões para o ensino de História do Paraná.** 2ed. Londrina: Editora da UEL, 2013, v. 1, p. 27-42.
- DANGUI, J. História de Janiópolis. **Janiópolis Querido Rincão.** Janiópolis, 18 de Julho de 2008. Disponível em: <http://janiopolismeurincao.blogspot.com/>. Acesso em: 20/02/2022.
- DANGUI, J. **Janiópolis Querido Rincão.** Janiópolis, 2022. Usuário do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/janiopolis.queridorincao.9>. Acesso em: 22 de Agosto de 2022.
- LEFF, E. Construindo a História Ambiental na América Latina. **ESBOÇOS** – Revista do Programa de Pós Graduação em História da UFSC. Florianópolis: Gráfica Universitária, n° 13, 2005.
- MACEDO, H. A. M. De como se constrói uma História Local: aspectos da produção e da utilização no Ensino de História. In: ALVEAL, C. M. O; FAGUNDES J. E; ROCHA, R. N. A. (Org.). **Reflexões sobre História Local e Produção de Material Didático** (recurso eletrônico). Natal: EDUFRN, 2017, p. 57-81.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular do Paraná:** princípios, direitos e orientações. Curitiba, PR: SEED/PR, 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.
- QUINTSLR, S. Amazônia: disputas materiais e simbólicas. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (ANPUR), v. 11, p. 57-72, 2009.
- SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, I. F. F.; SANTOS, F.K.S.; SILVA, L. L.; CANEJO, V. P. **A fotografia como recurso mediático no ensino de geografia: a paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências.** In: XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2017, Belo Horizonte-MG. XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia IGC Belo Horizonte 2017 Conhecimentos da Geografia: Percursos de Formação Docente e práticas na Educação Básica, 2017. p. 01 a 14).

TORRES NETO, D. P. **Cidade, história e memória:** Educação Patrimonial em São Bento do Una – PE. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado Profissional em Ensino de História. Novembro, 2018.

ZUCCHI, B. B. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** teoria, conceitos e uso de fontes. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.